

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Pró-Reitoria de Educação Continuada
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão
Curso de Especialização em Língua Portuguesa

DANILO ADLER PEREIRA

**O DISCURSO MIDIÁTICO E O CRUZAMENTO VOCABULAR NO CENÁRIO
POLÍTICO BRASILEIRO**

SÃO PAULO

2021

DANILO ADLER PEREIRA

**O DISCURSO MIDIÁTICO E O CRUZAMENTO VOCABULAR NO CENÁRIO
POLÍTICO BRASILEIRO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa, pela Pró-Reitoria de Educação Continuada da Pontifícia Universidade Católica, sob a orientação do Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento.

SÃO PAULO

2021

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa

Pró-Reitoria de Educação Continuada

Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão -
COGEAE

Orientador: Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento.

Aluno: Danilo Adler Pereira

Endereço eletrônico: daniloadp@gmail.com

AGRADECIMENTOS

A todos os professores que fizeram parte da minha caminhada durante o Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Ma. Valeuska Franca Cury Martins, Dr^a. Nílvia Terezinha da Silva Pantaleoni, Dr^a. Siomara Ferrite Pereira Pacheco, Dr^a. Nancy Aparecida Arakaki, Dr^a. Maria Otilia Jose Montessanti Mathias, Dr. Alexandre Jose da Silva e Dr^a. Dieli Vesaro Palma.

Ao meu orientador, Dr. Jarbas Vargas Nascimento, que soube entender o meu propósito e ajudou a materializar ideias que pareciam impossíveis. Por seu acolhimento e paciência, por despertar qualidades em mim que eu não reconhecia, por ser exemplo de motivação, por estar sempre disponível, disposto e exercendo suas atividades acadêmicas de forma prioritária.

Ao professor Me. Cassiano Butti, por valorizar meu trabalho inicial de pesquisa com os cruzamentos vocabulares e por sua dedicação primorosa à língua portuguesa.

Ao professor Dr. Rodrigo Maia Theodoro dos Santos por ter apresentado os conceitos basilares da Análise do Discurso, e por ter sido responsável por motivar um novo objetivo em minha vida acadêmica.

À professora Dr^a. Aparecida Regina Borges Sellan por ter acolhido o meu projeto de pesquisa, por ter tido paciência em trabalhar com as minhas dúvidas e por ter me ajudado a manter o tema escolhido.

À professora Dr^a. Marilena Zanon por seu papel acolhedor e por ter feito da turma do curso de Especialização em Língua Portuguesa uma família.

A todos os amigos que fiz durante o curso, em especial à Beatriz Faustino Carvalho da Silva, Kátia Ventura da Silva, Sabrina Mara Vedolim e Wellerson Clemer dos Santos Gavioli, por terem tornado os meus dias mais fáceis, pela disposição apresentada nos trabalhos e por me acolherem mesmo nos momentos mais difíceis.

A Amanda dos Reis, mãe do melhor presente que eu poderia ter recebido nesta vida e minha companheira, que se colocou como suporte incondicional do início ao fim deste curso, e sem a qual eu não teria tido a coragem de encará-lo. Por ter tido paciência, resiliência e carinho em todas as minhas crises.

A Maria das Graças dos Reis, minha segunda mãe, por ter enfrentado diversos desafios para estar ao nosso lado e por estar sempre me provando o poder da fé e do perdão.

A Rita de Cássia Pereira da Silva, minha mãe, professora dedicada e exemplo máximo, que me ensinou a pensar a língua desde pequeno e que serviu de inspiração para a escolha deste caminho. Por ter feito de mim a pessoa que sou.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CONSTRUCTO TEÓRICO-METODOLÓGICO E A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	11
1.1. A construção do <i>corpus</i> para análise	11
1.2. Procedimentos metodológicos	11
1.3. Análise Crítica do Discurso ou Estudos Críticos do Discurso.....	13
1.4. Por uma concepção de discurso e as metas gerais dos Estudos Críticos do Discurso	14
1.5. A utilização do poder no discurso como instrumento de abuso e controle	16
1.6. Ideologia, política e cognição social.....	19
1.7. As memórias, os aspectos cognitivos e o discurso político.....	21
1.8. O conceito de contexto nos Estudos Críticos do Discurso	23
1.9. Os Estudos Críticos do Discurso e sua relação com os cruzamentos vocabulares.....	26
CAPÍTULO II ANÁLISE DO PAPEL DO CRUZAMENTO VOCABULAR NO DISCURSO	30
2.1. O contexto, o processo e os objetivos da análise	30
2.2. Considerações sobre o uso dos cruzamentos vocabulares e suas possibilidades enquanto ferramenta no discurso midiático	31
2.2.1. A representação de aliança	32
2.2.2. A polarização e a reprodução do “nós” vs. “outros”	34
2.2.3. A síntese e a associação a eventos.....	36
2.3. O discurso midiático nos processos de manipulação e o papel do cruzamento vocabular..	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

INTRODUÇÃO

A constante necessidade comunicativa do ser humano impossibilita uma delimitação estanque do léxico. À maneira com que a sociedade muda, mudam-se também os encaixes vocabulares tidos como adequados para expressar conceitos cada vez mais complexos. Entre eles, os responsáveis por teorizar e noticiar os conteúdos políticos, tão abrangentes e multitemáticos, com aspectos que envolvem conhecimentos sociais, econômicos, históricos, jurídicos e tantos outros.

Um dos recursos disponíveis para a formulação de novos vocábulos que deem conta de tantos aspectos é o cruzamento vocabular, ou a formação de uma nova palavra por meio de duas palavras já existentes. Por ele, é possível, entre outras coisas, unir conceitos e destacar pontos de vista, apresentar semelhanças e diferenças, contrapor momentos históricos e indicar alianças entre agentes políticos. Por esses motivos, o cruzamento vocabular também é parte de um discurso e possui função na representação de opiniões, ideologias, abuso de poder, manipulação e formação cognitiva.

O discurso midiático relacionado à política é capaz de influenciar a opinião pública e moldar a imagem criada acerca de agentes políticos, partidos, classes sociais, interesses econômicos e ideologias. Ele é capaz de influenciar no nível de adesão a um projeto de poder, ou de adesão a lutas sociais contrárias a esse projeto, e moldar a percepção geral sobre a validade dos caminhos a serem seguidos politicamente.

O conceito de análise escolhido neste trabalho para compreender e explicitar todas as nuances desse discurso midiático foi o proposto pelos Estudos Críticos do Discurso, apresentado por van Dijk (2018), que propõem uma análise discursiva voltada à identificação das ferramentas utilizadas na formação de modelos mentais, na maneira como o discurso pode formar percepções, memórias e manipular a compreensão social sobre determinados temas.

De forma deliberada e posicionando-se a favor dos grupos menos privilegiados, os Estudos Críticos do Discurso visam a identificar os recursos empregados no discurso para legitimar atitudes que conferem manutenção e defesa a grupos específicos em detrimento de outros grupos. Sem atribuir para si a função de limitar as metodologias empregadas no processo de análise, os Estudos Críticos do Discurso promovem a livre escolha do pesquisador sobre os conceitos de análise que devem

ser estudados e empregados para mostrar de maneira crítica marcas de manipulação e de abuso de poder no discurso, com o intuito de compreender de forma ampla como se dá o acesso ao discurso, e de que maneira ele está sendo manipulado, em interesse de quem e com qual objetivo.

Aliado a isso, a análise realizada neste trabalho conta com a participação interdisciplinar dos aspectos morfossintáticos propostos por Sandman (1991), Basilio (2005; 2010) e Gonçalves e Almeida (2006) sobre cruzamentos vocabulares para explicar mais um dos elementos que participam na formação de modelos mentais por meio do discurso. Os cruzamentos vocabulares são a junção de duas palavras, em que parte de uma ou das duas palavras é suprimida para a formação de uma única palavra, sem que haja, necessariamente, perda de carga fonética. Essa união não ocorre de forma aleatória, pois é criada a partir de uma necessidade semântica, e representa elementos de intencionalidade essenciais para a compreensão discursiva.

Este trabalho analisa por meio dos Estudos Críticos do Discurso os recursos de manipulação presentes no discurso midiático relacionado à política, e apresenta a participação dos cruzamentos vocabulares nesse processo. Tratamos de verificar a complexidade dos recursos discursivos utilizados na manipulação e no abuso de poder, os quais beneficiam deliberadamente um grupo específico em detrimento de outro grupo.

As recentes transformações no cenário político brasileiro, aliadas ao uso massivo de redes sociais e à crescente amostra de textos midiáticos disponíveis, principalmente, em jornais digitais gratuitos, trouxeram à tona uma notável participação popular nos assuntos políticos antes pouco abordados nas interações informais. Assim, também, o papel das ideologias e das dinâmicas de poder envolvidas nesses meios despertaram o interesse sobre o nível de influência dos seus discursos com relação aos interesses políticos e econômicos das classes que ocupam esses espaços.

A atenção voltada aos discursos de pessoas próximas sobre suas convicções políticas despertou nosso interesse sobre quais eram as fontes de suas informações, ou seja, o que as influenciava a se aproximar ou se distanciar de um espectro político, quais eram suas considerações sobre a corrupção presente no país, por quais motivos essas mesmas convicções foram alteradas em períodos eleitorais, como foram formadas suas memórias sobre períodos históricos e de que maneira essas memórias

poderiam ser mantidas ou alteradas com o passar do tempo.

Essa curiosidade em compreender o funcionamento das crenças políticas na formação social, aliada aos ensinamentos de análise do discurso, os quais tivemos o prazer de receber durante este curso, levaram-nos a teorias e metodologias reveladoras sobre a influência da língua no processo político. Os conceitos apresentados por van Dijk, principalmente quanto ao caráter ativo do pesquisador em desvelar ferramentas de manipulação presentes no discurso, além da função social necessariamente presente nas análises baseadas nos Estudos Críticos do Discurso, permitiram que notássemos objetivos práticos, de maior importância social dentro da pesquisa, que complementaríamos o desejo inicial de encontrar respostas às nossas curiosidades.

Outro aspecto que despertou nosso interesse foi a formação do léxico, a maneira como palavras são criadas e alteradas com perceptível intencionalidade. Por esse motivo, voltando-nos aos estudos morfossintáticos e discursivos, passamos a observar como o léxico exerce um papel relevante na formação contextual e cognitiva dentro dos discursos.

Um dos elementos lexicais que se destacou durante esses estudos foi o cruzamento vocabular, amplamente utilizado nos anos recentes em discursos relacionados à política. Como exemplo, podemos citar palavras como “Petralha” e “Bolsominion”, que passaram a ser comuns em debates informais e discussões em redes sociais, mas também em discursos midiáticos e em campanhas eleitorais, por exemplo, ganhando proporções cada vez mais ideológicas e combativas como parte, também, dos discursos formais.

Por isso, surgiu a necessidade de analisar de maneira científica o papel desses discursos, bem como dos cruzamentos vocabulares atrelados a eles, desde suas possíveis regularidades a partir dos conceitos expostos pela morfossintaxe até o papel discursivo que exercem no contexto enunciativo em que participam. E, por conseguinte, de participar do propósito de contribuir com futuras pesquisas acerca dos discursos midiáticos relacionados à política e propiciar ao público que tiver acesso a este trabalho uma melhor percepção sobre como as formações lexicais e o discurso midiático influenciam o “consciente” individual e coletivo em nossas estruturas sociais.

Partindo da premissa de realizar uma pesquisa socialmente útil, capaz de contribuir com a conscientização do leitor e proporcionar melhor entendimento sobre o papel dos cruzamentos vocabulares em discursos relacionados à política, este

trabalho tem como objetivos: buscar marcas de manipulação destinadas a reforçar ou a reformular conceitos políticos por meio do discurso; identificar a carga semântica de cruzamentos vocabulares utilizados em discursos midiáticos relacionados à política; apontar a relevância dos cruzamentos vocabulares quanto à maneira com que cumprem um objetivo no discurso; e exemplificar, pela análise discursiva, a maneira como esses processos estão relacionados ao abuso de poder

Este trabalho está organizado em dois capítulos. O primeiro, “Constructo teórico-metodológico”, apresenta a construção das teorias e metodologias tomadas como base no processo de análise discursiva.

Neste capítulo, descrevemos o processo de coleta, as fontes e os critérios de acesso envolvidos na construção do *corpus* para análise. Apresentamos uma breve descrição dos pressupostos de van Dijk (2012; 2018) utilizados em nossa pesquisa, bem como os trabalhos de Sandman (1991), Basilio (2004; 2005) e Gonçalves e Almeida (2006) sobre os cruzamentos vocabulares. Explicamos por que van Dijk (2018) opta por adotar o nome Estudos Críticos do Discurso em vez de Análise Crítica do Discurso para o processo de pesquisa e análise discursiva, tal qual o motivo de concordarmos com sua escolha. Esclarecemos a concepção de discurso e de análise do discurso adotada neste trabalho. Fazemos uma síntese dos recursos discursivos utilizados como ferramenta de manipulação e controle por aqueles que fazem parte da elite simbólica. Sintetizamos os conceitos possíveis para ideologia, determinamos o conceito adotado neste trabalho e relacionamos ideologia com o campo da política e da cognição social. Apresentamos os estudos de van Dijk sobre a formação cognitiva, e esclarecemos a relevância da cognição na análise discursiva. Fazemos um apanhado dos conceitos apresentados por van Dijk (2012) sobre o contexto, sua relevância na análise discursiva e nos Estudos Críticos do Discurso. Tratamos dos aspectos teóricos analisados e empregados neste trabalho sobre os cruzamentos vocabulares, levando em consideração os trabalhos de Basilio (2004; 2005; 2010), Gonçalves e Almeida (2006) e Sandmann (1991), e relacionando os cruzamentos vocabulares com a relevância de sua reprodução no discurso.

No segundo capítulo, retomamos os critérios de formação do *corpus*, explicamos parte do contexto presente nos discursos analisados e descrevemos os objetivos principais e motivações da análise crítica realizada. Além disso, apresentamos algumas ocorrências de cruzamentos vocabulares em discursos

midiáticos relacionados à política, assim como uma síntese dos contextos presentes nesses discursos. Posteriormente, de forma mais detalhada, apresentamos a análise de um discurso de Reinaldo Azevedo que emprega o cruzamento vocabular “petralha”, e percorremos os conceitos teórico-metodológicos desta pesquisa, para pormenorizar a maneira como ocorrem a manipulação e o abuso de poder no discurso midiático.

CONSTRUCTO TEÓRICO-METODOLÓGICO E A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

1.1. A construção do *corpus* para análise

O *corpus* deste trabalho é formado por discursos midiáticos relacionados à política, e esses discursos contam com a aparição de cruzamentos vocabulares considerados relevantes ao processo de análise.

A seleção dos discursos foi feita por mecanismos de pesquisa gratuitos, como o *Google*, e pelas opções de busca em acervo dos próprios portais midiáticos. Esse processo de busca e filtragem dos discursos não teve como objetivo encontrar uma vasta quantidade de cruzamentos vocabulares, mas permitir a identificação e aplicação dos conceitos teóricos, de forma ampla, prevendo apenas como parte da pesquisa a exposição da participação dos cruzamentos vocabulares no processo de manipulação e controle do discurso midiático.

Sobre os critérios de acesso, os textos coletados seguem os padrões comumente observáveis nas publicações midiáticas de notícias e de opinião, sendo apresentado o discurso do autor sem a interferência em tempo real do leitor/ouvinte. Embora em alguns portais seja possível a publicação das respostas dos leitores em seções de comentários, em poucas ocasiões há uma resposta direta do autor aos participantes, tendo o autor acesso quase exclusivo às escolhas feitas na publicação, ainda que provavelmente dependente de uma revisão editorial.

Além disso, embora tenhamos notado uma grande recorrência de cruzamentos vocabulares relacionados à política em discursos advindos de redes sociais, optamos por postergar parte da análise, que trataria das redes sociais, para um trabalho que tenha como foco maior o aprofundamento nos aspectos voltados aos gêneros discursivos emergentes.

1.2. Procedimentos metodológicos

O interesse na produção e consumo de discursos relacionados à política, e a forma como esses discursos podem ou não apresentar relevância na formação cognitiva de seus leitores/ouvintes, motivou análises referentes aos acontecimentos políticos de maior destaque na mídia brasileira em um período recente. Esses

discursos foram coletados por meio de ferramentas de pesquisa gratuitas, como o *Google* e o acervo dos próprios portais midiáticos, e maiores detalhes sobre a coleta e a formação desse *corpus* foram apresentados na primeira parte deste capítulo.

Para a análise dos discursos, usamos como premissa os conceitos apresentados por van Dijk (2018) sobre os Estudos Críticos do Discurso, que são referência para uma metodologia abrangente que permite a adequação do pesquisador ao objetivo apresentado, possibilitando a união de métodos com o foco na relevância social do trabalho e no desvelamento de possíveis ferramentas discursivas que contribuam com o abuso de poder. Ainda, tomamos como base para a análise discursiva os trabalhos de Wodak (2010) sobre os conceitos formadores da Análise Crítica do Discurso, e os livros organizados por Melo (2012) e Micheletti (2012), ambos também focados em apresentar uma visão geral da análise crítica do discurso e de suas possíveis metodologias.

Além disso, tivemos como especificidade de análise a relevância dos cruzamentos vocabulares presentes nesses discursos, sendo o conceito de cruzamento vocabular adotado majoritariamente conforme os trabalhos apresentados por Basilio (2004; 2005; 2010), mas com a consideração e participação dos trabalhos realizados por Sandmann (1991) e Gonçalves e Almeida (2006).

Com base nos autores citados, os procedimentos metodológicos aplicados neste trabalho têm como foco apontar os recursos manipuladores empregados no discurso, de maneira a conscientizar o leitor/ouvinte e promover, ainda, uma leitura crítica da maneira como cruzamentos vocabulares podem ser utilizados na manutenção de estruturas hegemônicas em prol de um grupo e em detrimento de outro, atuando no abuso de poder. São exemplos de manipulação, como apontados por van Dijk (2018, p. 252): a autoapresentação positiva e a outro-apresentação negativa; a forma como são julgados os atos das partes envolvidas; o nível de detalhe fornecido a cada acontecimento noticiado e a escolha lexical.

Optamos, desse modo, por identificar como os discursos, em sua maioria, são apresentados por portais de notícia e autores membros de uma elite simbólica tidos como parte da grande mídia brasileira, e de como o abuso de poder pode ocorrer pela ausência de participação do leitor/ouvinte e pela utilização de recursos que sirvam para definir e delimitar grupos e suas ideologias, sendo um dos recursos utilizados os cruzamentos vocabulares.

1.3. Análise Crítica do Discurso ou Estudos Críticos do Discurso

A denominação de Análise Crítica do Discurso (ACD) como suporte para uma análise do discurso voltada à compreensão metódica de suas nuances tem sido o consenso entre teóricos e pesquisadores, de capas de livros e matérias de curso à apresentação final de um conceito que serviria de base para compreender, classificar e posicionar os diversos enunciados possíveis pelo uso da língua.

Embora existam diversas concepções de análise do discurso, cada proposta tende a adotar uma concepção particular com relação ao seu objeto de estudo, seja partindo de uma análise gramatical e lexical, por exemplo, focada no texto, seja buscando uma compreensão semiótica, ideológica e cognitiva por trás das inúmeras características sociais de nosso meio. Essas propostas, quando delimitadas pelo pesquisador, adotam metodologias específicas e a compreendem como um meio quase exclusivo de se fazer análise do discurso, muitas vezes subdividindo essas metodologias em áreas como a análise da conversação, a análise do discurso em sala de aula, a análise do discurso psicanalítico, e assim para cada possível utilização das ferramentas discursivas.

O trabalho de van Dijk (2018), no entanto, propõe certo afastamento dessas especificidades analíticas determinadas por métodos “exclusivos” e sugere a utilização do termo Estudos Críticos do Discurso (ECD), para abarcar a possibilidade de utilização de diversas metodologias, que devem estar ao dispor do pesquisador de acordo com seus objetivos. Dessa forma, van Dijk atribui valor aos trabalhos surgidos a partir da Análise Crítica do Discurso, e os coloca como meios interligados que devem ser estudados e empregados como julgar necessário o pesquisador de acordo com seus critérios:

Assim, tanto dentro dos estudos discursivos em geral quanto dentro dos ECD em particular, encontramos a habitual interação entre teoria, métodos de observação, descrição ou análise, e suas aplicações. Dessa forma, não existe ‘uma’ análise do discurso como um método, como também não há ‘uma’ análise social nem ‘uma’ análise cognitiva. (VAN DIJK, 2018, p. 11)

Isso posto, os ECD propõem-se a adaptar o método de descrição do discurso às necessidades analíticas do pesquisador, com o intuito de desvelar os recursos de manipulação. Por meio da utilização de estratégias como a análise gramatical, a

análise pragmática dos atos de fala e dos atos comunicativos, a análise retórica, a análise estilística, a análise de gêneros discursivos e assim por diante, os ECD acreditam que modos diferentes de análise podem se combinar e se sobrepor de muitas maneiras.

De acordo com Gonçalves Segundo, em seu artigo sobre os aspectos fundadores dos Estudos Críticos do Discurso:

os ECD debruçam-se, por um lado, sobre os modos por meio dos quais os atores sociais usam os recursos semióticos — linguísticos, musicais, imagéticos, dentre outros — para a manutenção e para a confrontação de modos de representar (discursos), de agir (gêneros) e de ser (estilos) excludentes e opressores a fim de denunciar e desmistificar esses padrões e, por outro, sobre a formação e a constituição de discursos, gêneros e estilos de resistência, contribuindo, assim, para o processo de empoderamento dos grupos oprimidos. Nesse sentido, a abordagem dialoga com os movimentos sociais, e, em maior ou menor grau, podemos dizer que seus praticantes se engajam na luta pela defesa dos direitos dos oprimidos e por sua integração real, o que inclui, dentre outros fatores, igualdade de acesso, de oportunidades e de exercício da cidadania. (GONÇALVES SEGUNDO, 2016, p. 1)

Em vista disso, as formas acadêmicas de análise e os recursos necessários às pesquisas baseadas nos ECD dependerão de diversos fatores tomados como de igual importância em prol de um objetivo maior. Partindo do pressuposto de identificar o abuso de poder, as ferramentas discursivas de controle e sobreposição de interesses, o pesquisador poderá optar por métodos de análise diversos, quais sejam formais ou funcionais, qualitativos ou quantitativos, todos poderão ter enquadre nos ECD e, por isso, ocupar os “métodos” acadêmicos para a realização da análise do discurso. Em alguns casos, é possível a necessidade de uma pesquisa de campo, de observação de participantes, de experimentos, e cada pesquisador deverá adaptar-se para compreender e aplicar cada um desses recursos a partir do que julgar necessário também a nível de contribuição social.

1.4. Por uma concepção de discurso e as metas gerais dos Estudos Críticos do Discurso

Na interação dialógica entre os membros de uma sociedade, com suas necessidades e objetivos, o discurso é imprescindível como ferramenta de conquista

de espaços, apresentação de pautas, narrativas, formações cognitivas, e faz parte inerente da forma como são moldados os pensamentos e atitudes de cada pessoa, grupo e instituição. Por mais que sua relevância possa passar despercebida em alguns contextos, o discurso é um elemento modelador da forma como o ser humano experiencia as mais diversas interações sociais e age perante os demais, seja na interação familiar, na forma como um professor decide seguir com determinada dinâmica em sala de aula, no tipo de atendimento e de abordagem de um médico com seu paciente, seja nos critérios utilizados para eleger os representantes de estado, os líderes corporativos ou o currículo de ensino adotado em políticas educacionais. Dessa maneira, quem detém as possibilidades de propagação do discurso detém também determinado poder social para influenciar e controlar diretamente a vida de uma sociedade.

Nos ECD propostos por van Dijk (2018), é essa dinâmica social moldada pelo discurso que deve ser analisada e criticada. Mais especificamente, a forma como o discurso é utilizado por um grupo para controlar outros grupos e seus membros por meio do abuso de poder. Desse modo, parte das metas gerais dos ECD é identificar as influências da estrutura discursiva na estrutura social, e vice-versa, de tal forma que possa desvelar os elementos que participam dessas dinâmicas e auxiliar na percepção dos grupos dominados, facilitando a compreensão da forma como seus interesses são atacados, muitas vezes, por discursos ilegítimos.

Para tanto, faz-se necessária uma percepção social por parte do analista para identificar a maneira como ocorrem essas influências, e realizar a análise do discurso de forma crítica quanto ao modo com que a língua é utilizada, por exemplo, para criar e reproduzir preconceitos contra minorias étnicas, para depreciar movimentos sindicais, para desviar o foco de lutas antirracistas, ou seja, identificar as escolhas feitas racionalmente por quem detém os meios discursivos e os utiliza para o abuso de poder.

Podemos concluir que os ECD se concentrarão, em geral, naqueles sistemas e estruturas da fala ou da escrita que podem variar em função de condições sociais relevantes do uso linguístico, ou que podem variar em função de condições sociais específicas do discurso, tais como influenciar as crenças e ações sociais dos ouvintes e leitores. (VAN DIJK, 2018, p. 14)

As metodologias adotadas pelos ECD, portanto, são variadas e dependem do

caráter crítico do pesquisador para serem utilizadas. Na busca por encontrar as marcas de dominação discursiva, como a forma com que estão dispostas as manchetes de um jornal, as escolhas lexicais feitas para definir um evento social, o posicionamento de um agente político quanto às questões de classe e outros aspectos presentes em um discurso manipulador, os ECD fazem uso das metodologias disponíveis para agir de maneira crítica com relação ao tema pesquisado.

Nesse sentido, a abordagem dialoga com os movimentos sociais, e, em maior ou menor grau, podemos dizer que seus praticantes se engajam na luta pela defesa dos direitos dos oprimidos e por sua integração real, o que inclui, dentre outros fatores, igualdade de acesso, de oportunidades e de exercício da cidadania. (GONÇALVES-SEGUNDO, 2016, p. 1)

Para van Dijk (2018), os Estudos Críticos do Discurso, mais especificamente, podem ser definidos como “críticos”, quando atendem a critérios como:

[...] relações de dominação são estudadas principalmente da perspectiva do grupo dominado e do seu interesse; as experiências dos (membros de) grupos dominados são também usadas como evidências para avaliar o discurso dominante; pode ser mostrado que as ações discursivas do grupo dominante são ilegítimas; e, podem ser formuladas alternativas viáveis aos discursos dominantes que são compatíveis com os interesses dos grupos dominados. (VAN DIJK, 2018, p. 15)

Conseqüentemente, os pesquisadores que adotam os ECD como base teórica para seus objetivos assumem uma posição a favor dos grupos dominados e refletem sobre seus próprios compromissos com a pesquisa e sobre sua posição na sociedade, buscando contribuir explicitamente para uma mudança social e adotando caráter científico de pesquisa sem abandonar crenças e convicções, tendo a consciência de que a busca pela neutralidade é também uma tomada de decisão ideológica.

1.5. A utilização do poder no discurso como instrumento de abuso e controle

O poder tem sido analisado por diferentes aspectos nas ciências sociais e na filosofia, van Dijk (2018, p. 87 - 111), contudo, sem desconsiderar as contribuições feitas por tais áreas, afirma que o foco dos ECD com relação ao poder está em identificar a maneira como ele é utilizado para o controle por meio do discurso, ou

seja, o “poder social em termos de controle de um grupo sobre outros grupos e seus membros”. É sabido que as manifestações de poder ocorrem socialmente em casos mais facilmente reconhecíveis como nos órgãos governamentais, nos editoriais e nas grandes instituições, como ocorre também em relações de maior proximidade entre os participantes, como de pais para filhos, ou de professor para aluno.

No entanto, é possível atrelar certo grau de inconsciência em determinadas relações de poder, por exemplo, quando uma mãe dá uma ordem ao seu filho, ou quando um professor usa de sua autoridade em sala para acalmar os alunos e seguir com a didática da aula. Desse modo, não é apenas a forma com que o poder interfere nas relações sociais que devem ser investigadas nas propostas dos ECD, mas a maneira com que ele é utilizado para favorecer direta e propositalmente um grupo em detrimento dos interesses de outro, ou seja, na maneira como poderia ser classificado como abuso de poder, caracterizando um controle social que ultrapassa “regras de direitos humanos ou sociais”.

Em seu artigo “Do que trata a ACD – Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos”, Wodak (2010, p. 236) explica os conceitos de ideologia e poder tomados como fonte para a Análise Crítica do Discurso, e afirma ter a ACD o objetivo da “produção de conscientização e da emancipação” dos agentes participantes do discurso, por considerar que o discurso utiliza-se de ideologias para enganar os agentes “a respeito de suas próprias necessidades e interesses” e, ainda, que “para a ACD, a linguagem não é poderosa em si mesma – ela adquire poder pelo uso que os agentes que detêm poder fazem dela.”

Esse abuso de poder manifestado no discurso pode ser percebido, por exemplo, na maneira como é utilizado para conceder ou limitar o acesso ao discurso, privilegiar a participação de interlocutores em um debate, limitar o acesso da cobertura de mídia a uma reunião ministerial, escolher seletivamente as opiniões publicadas em um jornal, definir quais opiniões e quais participantes nos assuntos políticos devem ser considerados relevantes, entre outros aspectos que evidenciam um favorecimento a determinadas pessoas e grupos em detrimentos de outros desde antes de sua ocorrência. De tal modo, afirma van Dijk (2018, p.19), “as elites ou organizações poderosas podem decidir quem pode participar em algum evento comunicativo, quando, onde e com que propósitos”.

Outras manifestações do abuso de poder se dão também no controle do discurso: pela seletividade por quem possui o controle de escolher, por exemplo,

temas, ordens de estruturação de conteúdo, utilizações lexicais; e, ainda, pelo controle cognitivo, ou seja, pela utilização de ferramentas de persuasão e manipulação que moldam a percepção dos agentes sobre temas específicos, influenciando deliberadamente a forma como se relacionam com determinados assuntos de interesse social, muitas vezes por meio do acesso privilegiado às informações sobre os “fatores que desempenham um papel na mudança de mentalidade das pessoas”.

Essas manifestações de abuso de poder, quando partem de instituições com fortes interesses sociais, sobretudo políticos, não podem ser consideradas acidentais, uma vez que seguem uma estruturação típica e uma repetição de movimentos e práticas identificáveis que afetam diretamente a forma como os detentores do poder e da reprodução discursiva buscam a manutenção e o alcance de seus objetivos. Por isso:

[...] os autores profissionais e as organizações devem ter um entendimento acerca de quais são as possíveis ou prováveis consequências de seus discursos sobre as representações sociais dos seus receptores (VAN DIJK, 2018, p. 33)

Logo, não fosse por clara intenção, não despenderiam tempo e recursos financeiros no alto custo dos serviços midiáticos, o que nos leva a considerar que a produção do discurso é, então, intencional e direcionada.

[...] os mesmos grupos da elite e as organizações sabem perfeitamente que efeitos sua 'informação', sua propaganda e sua publicidade têm sobre o público - caso contrário, não se engajariam na comunicação pública. (VAN DIJK, 2018, p. 33)

Com base nisso, podemos afirmar que, por meio de ferramentas conhecidas e empregadas com propósitos específicos, os detentores da reprodução discursiva possuem um “poder simbólico”, ou seja, um meio de controle simbólico, que não está diretamente relacionado ao poder econômico, e de cunho ideológico capaz de influenciar crenças pessoais, conhecimentos e ideologias.

É relevante destacar que, por meio dessas manifestações de abuso de poder e de controle discursivo, essas elites, compostas por grupos e classes dominantes, buscam “a formação de consenso e o poder hegemônico”, processo associado à formação de conhecimentos e crenças que sirvam de base comum para as práticas sociais, e que são influenciadas diretamente pelas ideologias de grupo. De acordo

com Wodak (2010), sobre a relevância do poder no discurso e na ACD:

O poder envolve relações de diferença, particularmente os efeitos dessas diferenças nas estruturas sociais. A unidade permanente entre a linguagem e outras questões sociais garante que a linguagem esteja entrelaçada com o poder social de várias maneiras: a linguagem classifica o poder, expressa poder, e está presente onde há disputa e desafio ao poder. O poder não surge da linguagem, mas a linguagem pode ser usada para desafiar o poder, subvertê-lo, e alterar sua distribuição a curto e longo prazo. (WODAK 2010, p. 237)

Dessa forma, o enfoque dado às ferramentas discursivas capazes de atuar no abuso de poder ou a forma como as elites simbólicas interferem diretamente nas dinâmicas do poder político são analisadas com o propósito de desvelar tais objetivos. A possibilidade de percepção e de formação cognitiva que habilite o público leitor/ouvinte dessas mídias a identificar discursos que vão de encontro aos seus interesses dependem de uma prévia formação política e discursiva, que possibilite o entendimento dos seus próprios interesses e dos interesses de sua classe opositora.

1.6. Ideologia, política e cognição social

A ideologia é parte comum dos estudos relacionados à política, e, à vista disso, está diretamente ligada ao discurso. O conceito de ideologia, no entanto, é um tema complexo, tratado por diversas áreas das Ciências Sociais, mas muitas vezes explicado superficialmente. Para tratarmos de política, e do discurso político, no entanto, precisamos definir o conceito de ideologia que será adotado e a sua relevância nos ECD.

A política é um dos domínios sociais cujas práticas são quase exclusivamente discursivas; a cognição política é, por definição, ideologicamente baseada; e as ideologias políticas são largamente reproduzidas pelo discurso. (VAN DIJK. In: MELO, 2012, p. 15)

Embora a ideologia seja com frequência utilizada como termo negativo, ou como pertencente apenas a determinado grupo (enquanto o grupo oposto é caracterizado como isento), ela geralmente está apenas interligando e relacionando interesses específicos e não necessariamente cumprindo funções moralmente “boas” ou “ruins”. Para van Dijk (In: Melo, 2012, p. 17), o conceito de ideologia deve ser tomado como “a base das representações sociais compartilhadas por um grupo social”, e o

que caracterizará o seu valor, seja ele “positivo”, “negativo” ou “neutro” será o ponto de vista de um grupo e da atribuição desse grupo ao conceito de ética. Por isso, van Dijk (2018) considera a ideologia um pressuposto de uma consciência de grupo ou classe, que pode ser:

[...] explicitamente elaborada ou não em um sistema ideológico, que subjaz às práticas socioeconômicas, políticas e culturais dos membros do grupo, de forma tal que seus interesses (do grupo ou da classe) materializam-se (em princípio da melhor maneira possível). (VAN DIJK, 2018, p. 47)

As ideologias políticas, ou como sugere van Dijk (In: Melo, 2012, p. 15), as “ideologias dos campos políticos”, considerando que “uma maneira de classificar as ideologias, bem como os discursos, é pelo campo social em que eles funcionam”, são um exemplo de como as ideologias são necessárias para que exista o entendimento mútuo dentro das esferas comunicativas, pois é por meio delas que se definem “diferenças, [...] alianças e similaridades” e como os interesses são representados discursivamente em favor ou em detrimento de determinados grupos. São elas que permitem as lutas de interesses dentro do âmbito político, e fazem parte da formação de conceitos como democracia, esquerda, direita, liberalismo e socialismo.

O campo da política, “além de ser definido por seus participantes prototípicos, os políticos”, também pode ser caracterizado por:

Seus sistemas globais (Democracia, Ditadura etc.); macro ações sociais especiais, tais como governo, legislação, eleições, ou tomada de decisão; suas micro práticas, interações e discursos tais como os parlamentares, propaganda eleitoral e demonstrações; suas relações sociais especiais, como as do poder institucional; suas normas e valores especiais (por exemplo, liberdade, igualdade etc.); suas cognições políticas, como as ideologias políticas. (VAN DIJK. In: MELO, 2012, p. 24)

A partir desses aspectos teóricos, portanto, a proposta dos ECD trata de uma análise em nível micro e macro das ideologias, capaz de identificar processos do discurso que influenciam na formação e utilização das estruturas ideológicas, buscando descobrir de que maneira as cognições sociais são formadas.

Os ECD realizam uma análise mais específica das ideologias e as entendem como uma forma de cognição social, na qual a ideologia não seria formada apenas "de um conjunto de crenças ou atitudes", mas "de uma estrutura cognitiva complexa

que controla a formação, transformação e aplicação de outros tipos de cognição social".

Servem de exemplos de análise a forma como os meios de comunicação selecionam assuntos com o intuito de reconstruir realidades, ou de como o setor educacional é instruído a evitar certos assuntos atribuídos a opiniões mais radicais, até como instituições cancelam patrocínios e censuram o espaço de fala/escrita de possíveis dissidentes do sistema controlado pelas elites simbólicas.

Logo, “uma das formas mais eficientes de dominação ideológica é quando os grupos dominados aceitam as ideologias dominantes como ‘naturais’ ou pertencentes ao ‘senso comum’” (van Dijk. In: Melo, 2012, p. 16). Dessa maneira, os mecanismos usados no controle das cognições sociais acabam por moldar, transformar e influenciar práticas ideológicas muitas vezes em benefício das elites simbólicas e em detrimento de grupos ou classes que, manipulados, acabam por aceitar ideologias que não correspondem aos seus próprios interesses.

1.7. As memórias, os aspectos cognitivos e o discurso político

O estudo da relação entre poder, ideologia e política é essencial em um processo de análise que busque identificar a maneira como grupos tentam proteger seus próprios interesses, bem como identificar a forma como grupos dominados buscam defender-se por meio de oposição, uma vez sendo a política parte inerente no processo de detenção ou ausência de poder por parte de grupos específicos, suas formações ideológicas e suas reivindicações. Por isso, a análise do discurso político precisa ser explicada em conjunto com a cognição política, uma vez que o contexto e as formações sociocognitivas e ideológicas são partes inerentes da estruturação e das motivações do discurso político.

Como parte dos ECD, van Dijk (2018) propõe que sejam utilizados os conceitos de memória de curto e longo prazo para abarcar as características discursivas que moldam a produção do discurso político, tanto na interferência de percepções cognitivas do produtor quanto de sua preocupação com o leitor/ouvinte e na forma como esse discurso se materializará socialmente.

Para tanto, é necessário compreender os conceitos de memória de curto prazo, responsável “pelo processamento real de informações (como percepção, compreensão e produção discursiva, monitoramento de interação, etc.)” (VAN DIJK,

2018, p. 202) e memória de longo prazo, responsável pelas informações e conhecimentos disponíveis ao acesso da memória de curto prazo.

De forma mais geral e para sintetizar a base teórico-política necessária a este trabalho, podemos compreender essa distinção colocando a memória de curto prazo como relevante no processo de análise por ser responsável pelos modelos individuais de compreensão do discurso, tanto na produção quanto na recepção, capazes de moldar a maneira como ele ocorre com base no contexto, no tempo e espaço, nas percepções individuais de sociedade, nos objetivos discursivos específicos, entre outros pontos relevantes aos eventos comunicativos de determinada situação. Em paralelo, a memória de longo prazo é responsável pela maneira como algumas informações e conhecimentos são muitas vezes tidos como dados em grupos específicos, em ideologias e modelos sociocognitivos de crenças compartilhadas. Ademais:

Uma outra distinção é feita dentro da LTM [memória de longo prazo] entre a memória episódica e a memória semântica. A memória episódica armazena as experiências pessoais que resultam do processamento (compreensão) em STM [memória de curto prazo], e a memória semântica armazena informações mais gerais, abstratas e socialmente compartilhadas, tais como nosso conhecimento da língua ou nosso conhecimento do mundo. (VAN DIJK, 2018, p. 202)

Dessa maneira, para identificar as características discursivas, como os aspectos de estrutura e os elementos linguísticos, é imprescindível que se determine os elementos cognitivos individuais presentes em uma situação discursiva, como as opiniões do produtor do discurso sobre o tema que está sendo tratado, sua percepção do ambiente, sua leitura de contexto, o gênero discursivo ao qual está recorrendo, seu papel discursivo dentro do evento comunicativo, entre outros elementos que façam parte de suas percepções e intenções pessoais. Do mesmo modo, é essencial que se identifique os traços de cognição social e de memória de longo prazo como aquilo que é tido pelo produtor como conhecimento geral dos leitores/ouvintes aos quais se refere, quais informações e conhecimentos servem de base comum para quais grupos, como as informações serão percebidas e materializadas de acordo com conhecimentos compartilhados de maneira mais ampla na situação discursiva.

As ideologias estão estruturadas por um esquema social que consiste em um número de categorias que representam cognitivamente a maior

dimensão social dos grupos, tais como suas propriedades distintivas, critério de pertencimento, ações típicas, objetivos, normas e valores, grupos de referência e recursos básicos ou interesses. (VAN DIJK. In: MELO, 2012, P. 19)

Para a política e para o discurso político, essa distinção é relevante na percepção de ideologias, e também para os conhecimentos e crenças que a cercam. Os eventos sociais, os fatos correspondentes às informações recebidas pela mídia, a visão de toda uma cultura, de um país, são partes constituintes de um conhecimento partilhado e muitas vezes tido como hegemônico nos discursos e atitudes políticas, enquanto as crenças, percepções e opiniões específicas e individuais sobre esse conhecimento compartilhado serão interpretadas de diferentes maneiras por agentes diferentes, partidos políticos, classes sociais, e serão reinterpretados de forma específica de acordo com os interesses de grupos mais focados, uma vez que:

[...] existem formas sistemáticas de examinar o discurso através de vários níveis quando procuramos ideologias que (não) estão expressas ou ordenadas em determinado discurso. Sempre que um significado estiver associado com coisas boas, ele tenderá a ser associado com o intragrupo do falante, e todas as propriedades estruturais do discurso podem ser exercidas para enfatizar tais significados. O oposto será o caso dos Outros, Adversários e Inimigos. (VAN DIJK. In: MELO, 2012, P. 33)

Dessa forma, os ECD deverão considerar uma visão ampla dos aspectos cognitivos que formam o discurso político, considerando o conceito de abuso de poder como essencial para promover uma relevância social que oriente a sua pesquisa, e os conceitos de ideologia, política e contexto para enquadrar e analisar os diferentes modos pelos quais as dinâmicas discursivas preenchem um espaço de complexidade na manutenção e controle dos interesses de determinados grupos.

1.8. O conceito de contexto nos Estudos Críticos do Discurso

O termo "contexto" é amplamente utilizado para descrever as circunstâncias em que determinados eventos ocorrem, e inclui a observação de quando ocorrem, onde ocorrem, por que ocorrem, quem está envolvido, quais seriam as possíveis causas e consequências de sua ocorrência, ou seja, quais aspectos podem ser observados e descritos sobre o entorno de determinados eventos.

Embora seja possível constatar a utilização do termo e o entendimento de suas

características básicas em muitos textos e falas formais, os fundamentos e bases teóricas para o conceito de contexto ainda não foram descritos de maneira satisfatória, para que possam ser utilizados na análise crítica do discurso e nas áreas que se propõe a utilizá-los de forma contundente. Por esse motivo, é essencial definir e pormenorizar os aspectos do contexto de modo a torna-lo útil para a visão científica de análise do discurso.

Para van Dijk (2020), é imprescindível que a análise do discurso passe por uma etapa de investigação do contexto, desde as motivações que o fazem ser predefinido em alguns momentos, como pela seleção dos participantes, do ambiente e das ordens de fala, até pelas suas consequências nas memórias de curto e longo prazo de seus leitores/ouvintes, posto que entendemos melhor os fenômenos quando os ligamos explicitamente aos seus respectivos entornos. Por isso, afirma:

uma abordagem descontextualizada do estudo do discurso e da conversação sofre de limitações e leva a descrições superficiais, formalistas e às vezes triviais, que ficam seriamente abaixo de uma análise do discurso, já que o discurso está profundamente imerso na vida social e política. (VAN DIJK, 2020, p. 10)

Essa inclusão do contexto nos ECD não atribui, no entanto, a concepção de contexto como mera avaliação do espaço-tempo, das pessoas envolvidas, do ambiente, ou de elementos factíveis no momento da produção discursiva, mas sim como estudo da influência de toda uma cadeia de elementos existentes em determinados grupos e situações capazes de influenciar a cognição e moldar a forma como os eventos discursivos são percebidos por seus agentes.

Logo, a inclusão do contexto na análise do discurso não precisa ser uma ferramenta de explicação dos usos linguísticos e discursivos com base em elementos “externos” ao texto, ou como “as situações comunicativas enquanto tais”, mas um estudo da forma como esses elementos moldam a memória e a percepção subjetiva de seus participantes.

Portanto, os contextos não são um tipo de condição objetiva ou de causa direta, mas antes construtos (inter)subjetivos concebidos passo a passo e atualizados na interação pelos participantes enquanto membro de grupos e comunidades. Se os contextos fossem condições ou restrições sociais objetivas, todas as pessoas que estão na mesma situação social fariam do mesmo modo. (VAN DIJK, 2020, p. 11)

Diferentemente das teorias e abordagens sobre o contexto que o consideram o entorno da situação discursiva, e o fazem, muitas vezes, por análises de fragmentos discursivos que revelam esse entorno, van Dijk relaciona o contexto a uma percepção subjetiva e individual, ou seja, influenciada por fatores sociais, mas inevitavelmente individual. Para categorizar o seu conceito e dar continuidade as suas terminologias voltadas aos aspectos sociocognitivos, van Dijk classifica o contexto como modelo de contexto, em referência aos modelos mentais, em que determinada situação discursiva será percebida com base na subjetividade do produtor e do receptor quanto aos eventos comunicativos e quanto às experiências sobre o tema abordado.

De tal forma, por exemplo, as opiniões e emoções não podem ser excluídas da percepção cognitiva e contextual do discurso, de modo que não apenas as informações recebidas moldam o conhecimento e a percepção de um evento, mas também o estado mental, como o de raiva, tristeza, euforia, medo. Isso também ocorre com as memórias de longo prazo, que são criadas por meio de acontecimentos marcantes, como viagens a outros países, um divórcio, o nascimento de um filho. De modo geral, as pessoas tendem a reter uma visão macro do passado, ou até mesmo a visão macro de um discurso, mas poucos detalhes de curto prazo são relevantes o suficiente para serem fixados em nossa memória.

Outro ponto relevante a se considerar é que os discursos tendem a exigir muitas inferências e conhecimentos que fazem parte de um conhecimento geral implícito. Ao produzir um discurso sobre determinado tema, o produtor tende a fazer reflexões sobre o que já está na crença coletiva. Os significados atribuídos para termos como guerra, exército e pobreza, por exemplo, podem fazer parte do que já se espera como consolidado na memória de longo prazo do leitor/ouvinte, e essa memória é formada de acordo com suas experiências sociais. As formações cognitivas sobre os conceitos supostamente já elucidados na memória social são muitas vezes chamadas de "conhecimento de mundo" por algumas ciências. Para van Dijk

[...] não é apenas o modo como interpretamos ou planejamos o discurso que está representado nos modelos mentais, mas também, e de maneira mais geral, todas as nossas experiências pessoais, na medida em que estão representadas na memória episódica. (VAN DIJK, 2020, p. 101)

Logo, os estudos críticos do discurso e do contexto devem considerar a formação cognitiva e a forma como ela é influenciada pelo tempo, por lugares, por

causalidades, pelo nível dos eventos e pela relevância em determinado momento histórico, bem como outros aspectos dos modelos mentais que devem ser analisados e julgados como relevantes ou não de acordo com os critérios do pesquisador. Dessa forma, a análise dos modelos de contexto pode servir de base para uma teoria adequada do gênero discursivo, do papel dos participantes de um evento comunicativo, do estilo e, dentre outras coisas, das "propriedades situacionalmente variáveis de um discurso", a partir de um ponto de vista cognitivo de cunho individual e social.

1.9. Os Estudos Críticos do Discurso e sua relação com os cruzamentos vocabulares

São vários os motivos pelos quais novas palavras são formadas. Basilio (2004, p. 5) explica que muitas vezes, por necessidade de expressão, algumas palavras são formadas e transformadas no léxico sem mesmo que se dê conta de que não estavam antes disponíveis em nosso vocabulário básico.

Os processos morfossintáticos e as motivações envolvidos nesses processos de expansão do léxico variam amplamente, podendo abarcar necessidades como a mudança de classe gramatical e o acréscimo semântico.

Em última análise, a razão por que formamos palavras é a mesma razão por que formamos frases: o mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de eficiência, o que se traduz num máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória. (BASILIO, 2004, p. 10)

Nesse processo de suprir necessidades de formação de novas palavras, um dos modelos possíveis em nossa língua é o da composição vocabular, ou mais especificamente neste trabalho, dos cruzamentos vocabulares.

Alguns autores responsáveis pelo estudo da composição vocabular abordam as teorias e classificações possíveis para os cruzamentos vocabulares de diferentes maneiras. Para Sandman (1991, p. 76), os cruzamentos vocabulares são “um tipo de composição, distinguindo-se dessa porque seus elementos formadores, todos ou ao menos um, sofrem diminuição do seu corpo fônico”. Ele faz uma distinção entre o cruzamento vocabular copulativo, em que há a combinação de palavras sem que percam sua independência de sentido, como em seus exemplos: Suicíndia (mistura

de Suíça com Índia) e Belíndia (mistura de Bélgica com Índia), e o cruzamento vocabular determinativo ou subordinado, em que é possível identificar um núcleo e um adjunto na palavra formada: pescópia (pesquisa com cópia) e tucanóptero (tucano com helicóptero).

Para Gonçalves e Almeida (2006), a divisão dos cruzamentos vocabulares pode ocorrer de três maneiras: (1) pelo entranhamento lexical ou interposição, que corresponde ao cruzamento de duas palavras pela interposição de uma outra, como em apertamento (apartamento apertado) e chevelho (carro velho) – o entranhamento lexical carece de contexto, pois forma palavras não disponíveis no léxico, e tem como destaque o fato de um dos vocábulos geralmente servir de predicado ao outro. (2) pela combinação truncada, em que o cruzamento vocabular tem como foco o significado das palavras-base e em que não ocorre, obrigatoriamente, o compartilhamento de material fonológico, como em lambaeróbica (lambada com aeróbica) e chocotone (chocolate com panetone). (3) pela reanálise, em que ocorre a união de parte de uma palavra por outra devido à semelhança fônica ou semântica, como em boacumba (boa com macumba), bebemorar (beber com comemorar), pão (pai com mãe).

Outra contribuição importante é apresentada por Basilio (2005), ao buscar distinguir o cruzamento vocabular da fusão ou interposição vocabular.

Para Basilio (2005), os cruzamentos vocabulares são:

[...] uma construção morfológica interessante, em que se forma uma nova palavra a partir de dois vocábulos, com perda ou alteração de material fonológico, mas acumulação semântica. (BASILIO 2005, p. 387)

Essa formação pode ocorrer com determinada regularidade em relação ao modo como os cruzamentos ocorrem, ou seja, existem cruzamentos vocabulares em que parte de uma palavra é suprimida e seus aspectos fonológicos não necessariamente se parecem, e há também um tipo de cruzamento vocabular em que ambas as palavras possuem semelhanças fonológicas e o cruzamento delas ocorre com a mínima interferência, o que Basilio classifica como fusões vocabulares expressivas (fuve):

A fusão vocabular expressiva, ou fuve, é uma construção estruturada de modo a incorporar fonologicamente os dois itens lexicais envolvidos, representando iconicamente a inclusão da função

semântica do qualificador no significado da palavra base. Uma vez catalisada a percepção da incorporação, ambas as palavras-fonte são trazidas em sua íntegra à mente do falante/ ouvinte / escritor / leitor. A incorporação bem sucedida ocorre com a mínima interferência fonológica capaz de, ao mesmo tempo, manter integralmente a palavra base e evocar o qualificador. (BASILIO. 2010, p. 202)

Basilio (2010) afirma que a fuve é um processo de formação de uma nova palavra “a partir de duas palavras-fonte” que poderia ser considerado um processo de composição, mas que se distingue por apresentar aspectos de linearidade e por serem formuladas a partir de “lexemas integrais, e não de partes de lexemas”.

[...] a nova palavra é formada não por concatenação ou sequência linear, mas por fusão quase total, onde o elemento “quase” é tão fundamental quanto “fusão”, correspondendo a alguma diferença fonológica que permita o reconhecimento simultâneo de uma palavra base e um elemento qualificador a esta integrado. Este tipo de formação apresenta, portanto, os requisitos combinados de similaridade fonológica e não linearidade, ausentes em outros tipos de composição (BASILIO. 2010, p. 204)

A fuve apresenta a característica de apresentar um “elemento qualificador que se integra no significado global da palavra base para provocar algum tipo de impacto”, o que é particularmente importante para este trabalho por possuir uma intencionalidade em sua criação que, de acordo com Basilio (2010, p. 204), “têm a função de nos levar a considerar novas (ir)realidades, seja pela contradição, seja pela maximização da força simbólica de elementos já existentes”. Devido a sua função “expressiva e efeito inesperado de impacto”, Basilio (2010) observou uma ocorrência das fuves em usos formais, como o midiático e o político, especialmente quando utilizadas de maneira pejorativa, e considerou um alto grau de criatividade no processo de suas formações.

Podemos considerar, por conseguinte, que as escolhas lexicais e as composições possíveis ao usuário da língua dependem de intencionalidade e criatividade. As escolhas lexicais e o estilo poderão variar na situação de enunciação de acordo com a classe social, o gênero discursivo, o suporte, o contexto, o modelo situacional, as imposições gramaticais, entre outros fatores pertinentes ao enunciado (CARDOSO, E. de Almeida e IGNEZ, A. Ferreira. In: MICHELETTI, Guaraciaba, 2012, p. 17 - 38). Desse modo, também, os cruzamentos vocabulares ou fuves serão resultado de um processo dependente de intencionalidade e de ideologia e,

consequentemente, poderão estar envolvidos nas dinâmicas de poder e abuso de poder de quem detêm os meios de produção e reprodução discursiva.

Os cruzamentos vocabulares, dada a função de união de conceitos e aspectos semânticos, são capazes de sintetizar fatos históricos, eventos, parcerias políticas, opiniões acerca de um tema, ideologias, e, desse modo, capazes de trazer para o discurso público, como o midiático/jornalístico, um efeito de criatividade, humor e concisão no espaço de debate dos temas políticos, econômicos e sociais. O aumento da facilidade de acesso aos suportes midiáticos digitais, como os jornais, as redes sociais, os blogs, etc., aliado às rápidas mudanças do cenário político e dos movimentos sociais percebidos nos últimos anos, suscitaram uma necessidade de expansão do léxico para abarcar a velocidade com que as informações são produzidas e reproduzidas. Um dos recursos utilizados têm sido o cruzamento vocabular para representar a aliança de candidatos e partidos, a opinião negativa sobre um candidato por meio de termos pejorativos, a união de nomes públicos ligados a investigações criminais, entre outros fatores que analisaremos adiante.

Por essas razões, parte dos objetivos deste trabalho é tentar identificar o papel dos cruzamentos vocabulares nas reproduções de controle e abuso de poder por meio do discurso, com foco em publicações midiáticas relacionadas à política de forma geral e a eventos específicos do cenário político brasileiro, partindo do pressuposto de que, segundo Merelman (1986, apud VAN DIJK, 2018, p. 197), os conhecimentos e opiniões formados acerca dos conceitos políticos são “adquiridos, mudados ou confirmados pelas várias formas de fala e escrita durante nossa socialização”.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DO PAPEL DO CRUZAMENTO VOCABULAR NO DISCURSO

2.1. O contexto, o processo e os objetivos da análise

Os cruzamentos vocabulares, conforme definidos por Basilio (2004; 2005; 2010), Gonçalves e Almeida (2006) e Sandmann (1991), quando usados em discursos midiáticos, podem sintetizar e conceituar fatos, alianças, falas e eventos ocorridos em determinado espaço de tempo e noticiados pela mídia em grande escala. De tal forma, o discurso formado ao redor desses cruzamentos vocabulares pode conter elementos formadores de críticas específicas aos eventos relatados, bem como marcas de manipulação que visam a manter conceitos hegemônicos ou a tentar alterar a cognição social em prol de interesses específicos.

Para esclarecer a recorrência e exemplificar a maneira como os cruzamentos vocabulares estão inseridos nos discursos midiáticos relacionados à política, a segunda parte deste capítulo apresenta em síntese alguns cruzamentos vocabulares e uma análise da função que exercem como recursos de propagação ideológica, representação opinativa e atribuição de valor aos temas abordados. Com relevante intencionalidade, os cruzamentos vocabulares são reproduzidos nos discursos apresentados e representam um papel na formação cognitiva de seus receptores sobre temas políticos de destaque na grande mídia brasileira.

A terceira parte deste capítulo, por sua vez, apresenta uma análise mais detalhada e crítica sobre um discurso que faz parte de um contexto marcante no cenário político brasileiro, que tem seu início no segundo mandato da presidente Dilma Rousseff, iniciado em 2015. No período de veiculação deste discurso intensificavam-se as críticas sobre o partido representado por Rousseff, o Partido dos Trabalhadores (PT), acusado de estar envolvido em esquemas de corrupção que teriam se iniciado ainda durante o governo de Luiz Inácio “Lula” da Silva, presidente pelo partido entre 2003 e 2010.

Em 2016, um processo de *impeachment* foi aberto contra Rousseff sob alegações de corrupção e improbidade administrativa. O país estava dividido entre apoiadores e opositores do PT e de Rousseff, e a mídia cedia grande espaço à cobertura de manifestações, à debates políticos e a discursos que expusessem opinião sobre o período.

Apoiado nesses eventos, o discurso escolhido para análise nesta terceira parte advém de um colunista reconhecidamente crítico ao PT, que escreve para jornais conservadores e representa a visão criada sobre a esquerda no país – a visão de uma esquerda generalizada, de poucas faces, representada pelo PT. O discurso foi publicado no mês em que se deu o desfecho do processo, favorável ao *impeachment* de Dilma Rousseff.

O objetivo da análise é identificar, por meio dos aspectos teórico-metodológicos, elementos que possam desvelar esse discurso quanto aos seus interesses, seu papel na disputa política, a imagem criada para si e a imagem construída do outro, os recursos de manipulação e abuso de poder, entre outros recursos que representem os interesses do autor, do editorial e dos grupos que representam, além de contar com o suporte do cruzamento vocabular utilizado no discurso para exemplificar o seu papel e a sua influência nesse processo de disputa.

2.2. Considerações sobre o uso dos cruzamentos vocabulares e suas possibilidades enquanto ferramenta no discurso midiático

Os cruzamentos vocabulares servem de base neste trabalho para esclarecer mais um dos elementos presentes no discurso, e para apresentar a função do léxico em discursos midiáticos relacionado à política. As formas como são utilizados para sintetizar conceitos complexos e exercer papel de ferramenta discursiva podem ser analisadas em diversas situações, e cada uma delas contempla uma categoria diferente no discurso.

Devido à criatividade e à intencionalidade presentes na criação dos cruzamentos vocabulares, o seu uso nos discursos relacionados à política possibilita a síntese eficiente de conceitos teóricos e históricos, além de um acúmulo de carga semântica capaz de apresentar, por meio uma única palavra, alianças entre agentes e partidos políticos, opiniões acerca de eventos e períodos marcantes, intenções ideológicas e interesses de grupos. No entanto, essa síntese propiciada pelos cruzamentos vocabulares pode apresentar um alto nível de subjetividade quanto à intenção de seus criadores e replicadores (considerando como replicadores os leitores/ouvintes que farão referência ao cruzamento vocabular, por exemplo, em redes sociais e diálogos informais), e depender de uma capacidade de inferência por parte do receptor que, caso não esteja familiarizado com o cruzamento vocabular e

não possua no recorte discursivo uma explicação mais abrangente de seu significado, poderá não compreender a complexidade de sua carga semântica.

Por esses motivos, os discursos analisados abaixo destacam algumas ocorrências do léxico e suas funções marcadas em recortes discursivos, de modo a elaborar um quadro mais amplo sobre a influência dos cruzamentos vocabulares no processo cognitivo e nos modelos sociais e políticos. Trata-se de uma análise contextual dos discursos que visa a possibilitar a identificação da função e da relevância dos cruzamentos vocabulares no processo de formação da cognição política por meio de produções midiáticas.

2.2.1. A representação de aliança

O primeiro discurso corresponde a uma publicação na “Carta Capital”, um jornal comumente associado à esquerda progressista, e comenta recortes de uma entrevista realizada no canal televisivo “GloboNews”. Como tema principal deste discurso, percebemos um esforço em manter a memória de uma aliança criada entre o então candidato à presidência, Jair Bolsonaro, e o então prefeito da cidade de São Paulo e candidato a governador do Estado de São Paulo, João Dória.

João Dória: “Eu não criei o ‘BolsoDória’, movimento nasceu espontaneamente”¹

O governador de São Paulo volta a criticar Jair Bolsonaro e tenta mais uma vez afastar sua imagem do presidente

O governador do estado de São Paulo, João Dória (PSDB), voltou a fazer críticas ao presidente Jair Bolsonaro e tenta, mais uma vez, afastar sua imagem do pesselista. Em entrevista ao programa “Central GloboNews”, na noite desta quarta-feira 2, o tucano disse não ser bolsionarista e fez críticas a escolhas feitas pelo governo.

“Eu não sou bolsonarista. Eu não criei o ‘BolsoDória’. O movimento nasceu no interior [de São Paulo], espontaneamente. Mas eu incorporei”, afirmou o governador. No segundo turno das eleições presidenciais, depois que o candidato do PSDB Geraldo Alckmin havia perdido, Dória imediatamente declarou apoio ao então candidato do PSL Jair Bolsonaro e sua campanha criou o slogan “BolsoDória”.

“E naquela circunstância, na qual enfrentávamos todos os partidos de esquerda juntos, todos faziam campanha contra mim... E, numa campanha, qual era o meu caminho senão

¹ JOÃO DORIA: “Eu não criei o ‘BolsoDória’, movimento nasceu espontaneamente”. **Carta Capital**, 3 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/joao-doria-eu-nao-criei-o-bolsodoria-movimento-nasceu-espontaneamente/>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

estar ao lado daqueles que advogavam com Jair Bolsonaro?”, completou o governador, sempre negando ter sido oportunista.

Durante a entrevista, Doria também criticou a indicação de Eduardo Bolsonaro, filho de Bolsonaro, como embaixador do Brasil em Washington (EUA). “É um ponto crítico meu em relação ao presidente Bolsonaro. Moralmente, não me parece adequado que o filho de um presidente da República seja indicado para uma embaixada. Isso não é positivo. Você confunde o tema familiar com o diplomático. Ainda que fosse alguém que soubesse o inglês corretamente, que tivesse curso em Harvard, que tivesse vivência, competência, ainda assim, eu diria não”, criticou Doria.

LGBTs e censura

Na entrevista, o governador foi questionado sobre uma recente decisão de barrar um material escolar que trazia estudos sobre gênero. Acusado de censura por educadores, Doria nega. “Não proibimos, apenas, especificamente, um capítulo dessa cartilha estava em desacordo com o Estatuto da Educação de São Paulo. Mandamos recolher a cartilha. Dialogamos com o professorado, com o Tribunal de Justiça, Ministério Público e a Defensoria Pública também. Estabelecemos um texto adicional encartado nessa cartilha e foi redistribuída. Não foi preciso judicializar”, justificou.

Católico, Doria afirmou que respeita os LGBTs, mas não considera razoável indicar a uma criança de 12 ou 13 anos que ela nasça sem sexo.

“Eu não tenho nada contra LGBTs, a opção que você faz ao longo de sua vida pela sua sexualidade, portanto, não sou conservador nisso, eu sei que isso faz parte da existência. Mas não acho razoável que se diga a uma criança de 12, 13 anos, que ela nasça sem sexo. A criança nasce menino ou menina. Se alguém me provar o contrário, que me diga cientificamente”.

Durante as eleições brasileiras de 2018, muitos candidatos estaduais associaram seus nomes ao do candidato à presidência Jair Bolsonaro, apontado com maiores intenções de votos durante o período eleitoral. As alianças políticas com Jair Bolsonaro estavam em sua maioria representando partidos de direita e de centro, e buscavam superar os partidos de esquerda na disputa eleitoral.

Um dos candidatos foi João Dória, que utilizou como símbolo em sua campanha o cruzamento vocabular BolsoDoria. Embora sem especificar as semelhanças e diferenças ideológicas presentes em seus programas de governo, Dória optou por colocar-se como aliado de Bolsonaro em um momento polarizado, em que Bolsonaro utilizava-se de discursos conservadores polêmicos e optava por afastar de sua base parte dos eleitores que não concordavam com suas ideias mais extremas.

O cruzamento vocabular tornou-se uma marca tanto para apoiadores quanto para opositores dos dois candidatos, e houve, então, uma importante formação da imagem de cada um deles, em que o eleitor ou estava a favor de Bolsonaro ou era

apoiador dos partidos de esquerda – geralmente de uma única esquerda, pouco definida teoricamente, que a mídia representava quase exclusivamente como sendo composta pela base eleitoral do Partido dos Trabalhadores.

O resultado das eleições trouxe a vitória eleitoral dos dois candidatos, e os discursos polarizados e excludentes de Bolsonaro continuaram sendo parte da imagem do seu governo, ao ponto de alguns especialistas questionarem o motivo da continuação dos modelos de discurso utilizados em campanha. Dória, por sua vez, passou a ser indagado sobre o comportamento do presidente e sobre a aceitação de suas falas consideradas ofensivas às minorias representativas do país.

O que percebemos nos recortes de fala de Dória a partir da entrevista é que, validando o valor do cruzamento vocabular na função de vincular sua imagem à de Bolsonaro, e estando disposto a dissociar-se dessa relação por considerar pouco proveitosos os resultados da aliança para a sua imagem após as eleições, o governador afirma que a aliança tratava-se apenas de estratégia política, que não foi uma aliança proposta inicialmente por ele e que a reforçou posteriormente apenas como forma de vencer eleitoralmente os partidos de esquerda. Uma vez alcançado o seu objetivo, não parecia mais viável manter o seu discurso associado ao do conservadorismo de extrema direita.

O discurso publicado na Carta Capital, portanto, utiliza-se de recortes da entrevista dada por Dória à GloboNews, para destacar momentos em que o governador agiu de forma conservadora e pareceu estar próximo das ideias adotadas pelo programa de governo e pelos discursos de Bolsonaro. A repetição do cruzamento vocabular BolsoDoria presente na entrevista é um dos recortes escolhidos pela Carta Capital para lembrar a aliança e marcar o papel dela na campanha eleitoral.

2.2.2. A polarização e a reprodução do “nós” vs. “outros”

Em matéria publicada no “Uol” em 2019, em uma seção voltada a noticiar a vida de pessoas famosas, o colunista Felipe Pinheiro afirma que a atriz Juliana Paes, mais reconhecida no Brasil por seus papéis em telenovelas, estava sendo questionada quanto as suas posições políticas. A dúvida do público estava em saber se a atriz apoiava ou não o atual presidente Jair Bolsonaro, então membro do Partido Social Liberal (PSL).

Juliana Paes nega ser "bolsominion": "Vivem querendo me rotular"²

Protagonista de A Dona do Pedaço, Juliana Paes respondeu a um internauta que desconfiou de suas posições políticas. O seguidor perguntou se a atriz era "bolsominion", termo pejorativo dado a defensores do presidente Jair Bolsonaro (PSL). "Chegou aos meus ouvidos que a Juliana Paes é bolsominion. Por favor, que não seja verdade. Mais uma decepção, não", disse o internauta no Twitter.

Juliana, então, esclareceu: "Não sou não... minha posição política é beem particular e vivem querendo me rotular, me colocar em um lado ou outro... Já me acostumei a inventarem coisas sobre mim e você, se me permite um conselho, desconfie de tudo que lê na net! Love Ju".

A resposta da atriz repercutiu entre os internautas, que se manifestaram. "Sua posição política não diz respeito a ninguém", opinou um. "Ainda bem, fico mais aliviado com essa notícia! A Juliana Paes é conhecida por não passar pano pra nenhum político, ou seja, ela usa do bom senso!", disse outro.

Em uma entrevista para o jornal O Globo, em julho, Juliana disse sobre o atual presidente. "Torço para que o país dê certo, independentemente de quem esteja em Brasília. Não bato palma para tudo que o presidente Jair Bolsonaro diz, mas vamos apoiar já que ele está lá. Não vou boicotar. Essa polarização é boba".

Felipe Pinheiro utiliza-se de comentários realizados no perfil da atriz pelo Twitter para representar as críticas que ela vinha sofrendo. O cruzamento vocabular "Bolsominion", definido por Felipe Pinheiro como "termo pejorativo dado a defensores do presidente Jair Bolsonaro", foi criado por usuários de redes sociais no período de eleições para a presidência do Brasil, em 2018, e relaciona o sobrenome "Bolsonaro", do presidente Jair Bolsonaro, aos personagens seguidores de um vilão no filme de animação "Meu malvado favorito". Esses seguidores, no filme, são chamados de minions, do inglês "lacaio", e apresentam o traço característico de submissão, apoio e reverência ao seu líder, um personagem que passa a maior parte do filme maltratando esses seguidores e buscando seus próprios interesses.

Com isso, o cruzamento vocabular assumiu o significado, por parte dos opositores, de representar qualquer apoiador do presidente Bolsonaro, atribuindo a pessoa um estigma de desinteligência e pouco discernimento quanto a possíveis males causados pelo líder que escolheram. Ainda, a oposição relacionava Bolsonaro a uma ideologia conversadora de extrema direita, contrária aos interesses das

² FELIPE PINHEIRO. Juliana Paes nega ser "bolsominion": "Vivem querendo me rotular". **Uol**. São Paulo, 1 de agosto de 2019. Famosos. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2019/08/01/juliana-paes-nega-ser-bolsominion-vivem-querendo-me-rotular.htm>. Acesso em 20 de junho de 2020.

minorias representativas do país. Os discursos de Bolsonaro eram constantemente criticados por suas características homofóbicas, machistas e racistas.

Desse modo, ao tomar consciências das críticas, a atriz Juliana Paes é direta em afirmar por meio do discurso que não tem a intenção de fazer parte dessa polarização. Ciente da carga semântica do cruzamento vocabular e da formação de um conceito que separa dois grupos, a atriz se abstém de relacionar a sua imagem a algum deles, e reafirma a sua imparcialidade política.

O cruzamento vocabular, nesse caso, foi criado e reproduzido para atribuir valor aos eleitores com base em suas escolhas políticas, reforçando a polarização ideológica e definindo “nós” – pessoas conscientes, “boas” – e “outros” – apoiadores de Bolsonaro, “ruins”. Dessa forma, o cruzamento vocabular passou a ser um estigma atribuído a algumas pessoas da mídia como forma de anular os seus discursos, tornando-as “vilãs” e forçando-as a se defender ou a aceitar uma posição política, que poderia prejudicar suas carreiras enquanto figuras públicas.

2.2.3. A síntese e a associação a eventos

As 52 assinaturas para a 'CPI da Micheque'³

Até agora, 52 deputados já assinaram o requerimento para a abertura da “CPI da Micheque”.

O pedido de investigação foi feito pelo PSOL após Crusoé revelar que, entre 2011 e 2018, Fabrício Queiroz depositou 21 cheques para Michelle Bolsonaro. Os valores somam R\$ 72 mil.

As assinaturas, em sua maioria, são de deputados de oposição, como Maria do Rosário e Alessandro Molon. Há ainda apoio de outros deputados, como Kim Kataguiri (DEM), para a abertura da CPI.

Para o requerimento ser entregue a Rodrigo Maia, é necessário coletar assinatura de um terço da Câmara — 171 deputados.

No documento, o PSOL diz que “é preciso investigar, através desta CPI, se houve a obtenção ilícita de recursos pelo presidente da república através da primeira-dama, Michelle Bolsonaro”.

O Centrão terá mais uma carta para conseguir micheques do Planalto. Por enquanto, a ameaça de uma CPI dessas só servirá para isso, infelizmente.

³ As 52 assinaturas para a 'CPI da Micheque'. O Antagonista, 11 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/as-52-assinaturas-para-a-cpi-da-micheque/>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

Após a eleição de Jair Bolsonaro como presidente da república, muitos foram os casos noticiados sobre supostos envolvimento de sua família com escândalos de corrupção. O discurso publicado pela redação do portal midiático “O Antagonista” trata de um caso de acusação contra a primeira-dama Michelle Bolsonaro, esposa de Jair Bolsonaro, relativo a cheques de valores ilícitos que ela teria recebido de um ex-assessor da família Bolsonaro, Fabrício Queiroz.

Conforme noticiado pelo jornal, o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) abriu um pedido para investigação sobre os cheques recebidos. A redação do jornal descreve brevemente o pedido de abertura do processo e a necessidade de assinaturas para a sua continuidade, e define um nome para a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) responsável por essa investigação, a “CPI da Micheque”.

Pelo uso do cruzamento vocabular “Micheque”, composição formada pelo nome da primeira-dama, Michelle, e cheque, o autor do discurso relaciona de maneira criativa o nome da pessoa acusada a sua acusação, sintetizando o motivo da denúncia e atribuindo ao nome um valor pejorativo. O emprego desse cruzamento vocabular, portanto, não funciona apenas como definidor do motivo da CPI, mas ressignifica o nome da primeira-dama de maneira deliberadamente ofensiva, relacionando a aparição de seu nome na mídia com a denúncia de corrupção. Dessa forma, tanto o processo de abertura da CPI, a autoimagem da primeira-dama e a acusação de corrupção quanto os conceitos ideológicos do autor do discurso e dos envolvidos no processo de acusação são revelados por meio desse único cruzamento vocabular.

Como podemos perceber, são diversas as possibilidades de emprego dos cruzamentos vocabulares como ferramentas discursivas. A palavra gerada pela composição de duas outras palavras, embora possa carecer de contexto, é capaz de ocupar uma posição relevante dentro do discurso, de sintetizar eventos, alianças, de atribuir valores e julgamentos a figuras públicas, de determinar a validade de participação de membros em comunidades.

A criatividade e a manifestação ideológica possíveis na criação do cruzamento vocabular possibilitam uma formação lexical de elevada carga semântica, capaz de ser facilmente assimilada e reproduzida, além de estar geralmente dotada de um caráter humorístico que acrescenta leveza e proximidade do discurso ao seu leitor/ouvinte. Ainda, apesar de poder apresentar características desprezíveis e

informais, os cruzamentos vocabulares podem ser vistos no uso do discurso da grande mídia, em publicações tão relevantes e formais quanto as relacionadas aos assuntos políticos.

Embora tenhamos feito, nestes exemplos, uma proposta de definição delimitada do uso dos cruzamentos vocabulares no discurso, a partir da análise do contexto em que se enquadram, esses cruzamentos vocabulares podem ser categorizados de diversas maneiras e ocupar diversas funções simultaneamente. A maneira como serão interpretados dependerá dos objetivos e dos critérios de análise do pesquisador, tal como dos gêneros discursivos aos quais participam os discursos analisados e dos demais aspectos metodológicos escolhidos para a análise.

No próximo item deste capítulo, realizamos uma análise para além dos quadros contextuais, com base nos conceitos teórico-metodológicos escolhidos para este trabalho, tendo como suporte o uso dos cruzamentos vocabulares no discurso e as suas possíveis intenções no processo de manipulação e abuso de poder.

2.3. O discurso midiático nos processos de manipulação e o papel do cruzamento vocabular

Segundo Washington Post, “petralha” é uma das seis palavras para entender o Brasil de hoje⁴

Jornal americano tenta dar a definição da palavra; acerta em parte, mas erra também

Eita!

O jornal americano “Washington Post” resolveu listar seis palavras cujo significado um estrangeiro precisa saber para entender o Brasil de hoje. E, ora vejam, “petralha” está entre elas — sim, a já imortal criação deste escriba, rsss! As outras são “crise”, “gourmetização”, “cozinha”, “jeitinho” e “zoeira”. Convenham: trata-se de uma escolha e tanto.

A íntegra da matéria, em inglês, está [aqui](#).

Compreendo, em parte, a fúria dos petistas comigo em razão do que escrevo e, sobretudo, daquilo que eles acham que escrevo. Mas bravos mesmo eles ficam porque o termo pegou, ficou colado neles. Todo mundo, hoje em dia, sabe o que é um petralha.

O jornal define assim o termo:

“Petralha é uma gíria negativa, empregada por brasileiros favoráveis ao impeachment da presidente Dilma Rousseff, para se referir aos apoiadores de seu esquerdista Partido dos

⁴ AZEVEDO, Reinaldo. Segundo Washington Post, “petralha” é uma das seis palavras para entender o Brasil de hoje. **Veja**, 4 de agosto de 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/segundo-washington-post-petralha-e-uma-das-seis-palavras-para-entender-o-brasil-de-hoje/>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

Trabalhadores (conhecido por PT – a raiz do termo) e do patriarca da legenda, o ex-presidente Luiz Inácio Lula Da Silva. ...”

Não é bem assim

Bem, fui eu que criei o termo e, portanto, sei o que ele designava originalmente, ainda que o falar das ruas lhe tenha ampliado o significado.

De fato, a sigla “PT” está na origem do termo, mas a outra palavra que entrou na formação do neologismo foi “metralha” — uma referência aos Irmãos Metralhas, que viviam tentando roubar o Tio Patinhas: são bandidos, são ladrões.

Um “petralha”, originalmente, é aquele que justifica o roubo de dinheiro público em nome da construção do partido, supostamente interessado no bem coletivo.

Assim, há beneficiários de programas sociais e, claro!, consumidores de maconha, barbudos e estudantes de sociologia que não são petralhas. Isso é uma criação do Washington Post.

O termo já está dicionarizado no Brasil. É um dos verbetes do “Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa”, conforme se lê abaixo. A definição está bem mais de acordo com a origem da palavra.

pe.tralha adj. e s.cdd.(o/a) Pejorativo **1.** Que ou pessoa que, sem nenhum escrúpulo, não vacila em cometer todo e qualquer ato marginal à lei, como usurpar, mentir, extorquir, ameaçar, chantagear, roubar, corromper, ou que defende com ardor ladrões, corruptos, usurpadores, mentirosos, cínicos, extorsionários, chantagistas, etc. que, porém, posam de gente honesta e defensores intransigentes da ética: jornalista petralha; jornaleco petralha; há petralhas nesse governo? \ s.f.(a) **2.** Petralhada: se há algo positivo nas agressões que a petralha vem dirigindo contra a imprensa é o fato de que, finalmente, o verdadeiro caráter desse grupo veio à tona. \ adj. **3.** Característico ou próprio desse tipo de pessoa; sórdido; nojento; asqueroso; canalha; calhorda: comentário petralha; o jeito petralha de governar; a agressividade petralha. Æ Este neologismo foi criado pelo jornalista Reinaldo Azevedo, que o formou de petista (em referência ao simpatizante ou membro desonesto, aloprado ou inescrupuloso do PT) + Irmãos Metralha, gêmeos bandidos atrapalhados das estórias em quadrinhos e dos desenhos animados. @ **petralhada** (pe) s.f. [bando de petralhas; petralha (2)].

Em texto publicado na “Veja” em 2016, Reinaldo Azevedo, jornalista comumente associado ao espectro político de direita e produtor de textos para jornais conservadores, elabora em um discurso a publicação do “*Washington Post*” sobre palavras necessárias para um estrangeiro entender o Brasil naquele período. Azevedo revisa e explica o significado de petralha, um cruzamento vocabular criado por ele e que obteve, dentre outros termos e cruzamentos vocabulares, o papel de maior destaque na mídia brasileira e no cenário político recente do Brasil.

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos estudados, e em primeira instância de análise a esse discurso, precisamos apontar o contexto dos

acontecimentos sociais e políticos do período de sua publicação. Para uma compreensão mais imersiva de seu entorno, que englobe os aspectos propostos de intencionalidade, de características ideológicas, de utilização (ou abuso) de poder e de relevância quanto à utilização do cruzamento vocabular, devemos buscar a identificação do que possibilitou o seu discurso contrário ao PT, quais eram as percepções sociais predefinidas sobre os agentes e os eventos que os cercavam, de qual maneira seu discurso buscou e trabalhou os aspectos cognitivos por meio de ferramentas discursivas e de como as respostas a essas questões estão relacionadas com o autor e com uso de privilégios dispostos a ele enquanto membro de uma elite simbólica.

Essa abordagem detalhada sobre os recursos contextuais é considerada por van Dijk (2020) uma forma de evitar descrições superficiais. Por tratarmos de conceitos políticos, sociais e discursivos, o contexto se faz imprescindível a um processo crítico de maior complexidade, uma vez que “o discurso está profundamente imerso na vida social e política” (van Dijk, 2020, p. 10), e esse cuidado com o entorno e com os eventos não pode ser negligenciado a um discurso que poderá determinar as atitudes posteriores de seus leitores/ouvintes perante suas vidas pessoais, seus grupos e a forma como interagem de maneira geral com a sociedade. Ainda, para o propósito desta análise, devemos considerar que:

[...] uma sequência de sentenças de um texto é coerente se os usuários da língua forem capazes de construir modelos mentais dos eventos ou fatos sobre os quais estão falando ou ouvindo, e se forem capazes de relacionar entre si os eventos ou fatos que estão nesses modelos, por exemplo por meio de relações de temporalidade e causalidade. (VAN DIJK, 2020, p. 90)

Dito isso, é necessário que consideremos o autor consciente de suas práticas discursivas, e também ocupante de um espaço de fala privilegiado, fatores que nos levam a atribuir a ele a intencionalidade e o objetivo de gerar manifestação social e de movimentar, pelo discurso, a construção de modelos mentais. Desse modo, a busca analítica de possíveis interpretações contextuais, tanto do autor quanto de seus leitores, possibilita uma maior interação com os aspectos ideológicos presentes no discurso, e por meio dessa busca podemos definir os critérios utilizados nas ferramentas discursivas nele presentes.

No entanto, é necessário enfatizar que o objetivo desse estudo de contexto não

é o de uma análise por amostragem estatística, e que uma pesquisa que levasse em conta aspectos individuais de seus agentes dependeria de estudos de características e comportamentos muitas vezes codependentes e variáveis. De tal forma, não será parte da análise do contexto questões como gênero e idade, ou a forma como seu discurso se relaciona com homens ou mulheres, adultos ou jovens, por exemplo, dado que “as situações sociais relevantes são tão complexas que a abstração e a generalização podem ignorar condições significativas de (co)variação do discurso” (van Dijk, 2020, p. 161).

Isso posto, a análise contextual terá como foco a relação entre a situação comunicativa e seus leitores/ouvintes, a definição do entorno social, os elementos que podem ser controlados de forma prévia e durante o discurso, as influências midiáticas, os fatos históricos e demais elementos que podem ser claramente identificados quanto à possível influência na formação dos modelos sociais, na forma de pensar e agir em grupo, a partir do discurso.

Por essas considerações, podemos afirmar quanto aos acontecimentos histórico-políticos de entorno da análise os processos políticos que estavam presentes na ocasião da publicação do discurso de Azevedo. Na época, a então presidente Dilma Rousseff, representante do Partido dos Trabalhadores (PT), respondia processo de *impeachment* por suposto crime de responsabilidade envolvendo denúncias de improbidade administrativa e corrupção. O clima no país era polarizado, haviam manifestações organizadas por partes favoráveis e contrárias ao *impeachment*, com cobertura midiática constante e debates jurídicos e de gestão pública sobre a validade da abertura do processo. Os acontecimentos noticiados eram debatidos até mesmo nos diálogos mais informais, nos locais mais comuns a maior parte da sociedade, como o ambiente de trabalho e os locais de convivência em família, e o diálogo constante sobre o tema ocorria entre agentes das mais diversas classes sociais. O processo de *impeachment* teve o seu desfecho com o afastamento da então presidente Dilma Rousseff, e com a posse, em seu lugar, de seu então vice-presidente, Michel Temer.

As informações, as acusações e os eventos políticos eram de conhecimento geral, e as memórias ativadas pelo discurso de Azevedo também faziam parte de uma construção social cognitiva de base comum. Dessa forma, o papel da cognição política é outro aspecto presente neste discurso e tem influência direta na representação e na formação da memória social, estando claramente presente no “conhecimento

compartilhado por um grupo específico [...] e no conhecimento cultural geral compartilhado entre muitos diferentes grupos na sociedade” (van Dijk, 2018, p. 214).

O discurso de Azevedo aborda termos relacionados a imagens que vinham sendo construídas por um longo período no país. Ou seja, contrário ou favorável, o leitor médio muito provavelmente possuía uma ideia definida sobre “Partido dos Trabalhadores”, “*impeachment*”, “Luiz Inácio Lula da Silva” e “Dilma Rousseff”, e de alguma forma já havia relacionado em seu imaginário definições próprias em torno de temas como política, corrupção, programas sociais e esquerda. Ainda sobre esse conhecimento de base comum e a forma como ele é abordado nesta análise, van Dijk (2018) afirma:

[...] o conhecimento da base comum é o fundamento de toda a interação e comunicação na sociedade e é geralmente pressuposto no discurso. Esse tipo de conhecimento é geralmente não disputado, não controverso e tomado como dado e ensinado na socialização e na escola numa dada sociedade. Essas crenças “factuais” geralmente compartilhadas são aceitas como (e chamadas de) “conhecimento” na sociedade. (VAN DIJK, 2018, p. 215)

O lugar de senso comum do discurso de Azevedo dialoga com leitores que viveram mais de uma década sobre o mesmo governo, e poucas informações poderiam ser consideradas como novas em seu discurso. No entanto, a falta de informação, ou a presunção do conhecimento comum, podem também manipular a maneira como alguns temas são ignorados em seu discurso, aspecto discursivo que será discutido mais à frente.

Em contrapartida, embora o discurso de Azevedo trabalhe um modelo de pressuposição quanto ao conhecimento comum de seus leitores, a forma como ele é percebido por diferentes pessoas e grupos pode variar de diversas maneiras. Desse modo, as opiniões apresentadas por Azevedo também serão consideradas de diferentes maneiras por seus leitores, e o nível de senso crítico, a ideologia e a cognição pessoal determinarão os valores atribuídos ao seu discurso. Ainda que exista uma base comum aos temas abordados em seu discurso, a recepção desses temas continuará dependendo das crenças antes adquiridas individualmente (opiniões) ou compartilhadas em grupos ideológicos específicos. De acordo com van Dijk (2018):

Há, contudo, também, conjuntos de crenças na memória social que não são tratados em termos de critérios de verdade, mas são compartilhados na base de critérios avaliativos (bom vs. Ruim etc.), a saber as opiniões. [...] o que pode ser uma crença factual para um grupo pode ser uma crença ou opinião avaliativa para outro. (VAN DIJK, 2018, p. 217)

Ainda,

Devido a sua natureza avaliativa, opiniões e atitudes não são tipicamente tomadas como dadas ou contestáveis e, portanto, raramente fazem parte da base comum cultura. Mesmo assim, cada cultura pode ter algumas opiniões que não são contestáveis, por isso, ter todas as propriedades de outras crenças da base comum.

Logo, a visão atribuída ao PT, ao governo de Rousseff, aos projetos políticos vigentes ou às opiniões definidas do próprio Azevedo em seu discurso quanto a esses temas poderão variar de acordo com crenças individuais e sociais. Essas crenças poderão ser moldadas por ferramentas discursivas de manipulação e abuso de poder como parte do objetivo das elites simbólicas de reforçar temas, repetir opiniões e induzir um quadro cada vez mais hegemônico e de dominância que reduza as rebarbas do conhecimento de base comum e alimente opiniões cada vez mais fáceis de serem tomadas como verdade factual. A dominância, aqui, é entendida como:

[...] uma forma de abuso de poder social, isto é, como o exercício moral e legalmente ilegítimo de controle sobre outros em benefício ou interesse próprio de alguns, frequentemente resultando em desigualdade social (VAN DIJK, 2018, p.88)

Dessa forma, o acesso privilegiado à grande mídia e o seu local de destaque nos discursos midiáticos relacionados à política conferem a Azevedo o caráter de membro de uma elite simbólica, possuidora de recursos disponíveis para influenciar e traçar objetivos poucas vezes contestados com igual força pelos grupos opositores, principalmente por possuírem recursos limitados de acesso ao discurso midiático. Com isso, a análise da possibilidade de haver um objetivo de fabricação de consenso em seu discurso torna-se relevante, uma vez que nosso objetivo engloba a identificação de marcas de manipulação e de abuso de poder.

O abuso de poder não apenas envolve o abuso de força, por exemplo, em uma agressão [...] e pode não resultar meramente no cerceamento da liberdade de um grupo específico, mas também, e de modo crucial, pode afetar as mentes das pessoas, Isto é, através de um acesso especial ao discurso e à comunicação públicos bem como de um

controle sobre eles, os grupos ou instituições dominantes podem influenciar as estruturas do texto e da fala, de modo que, como resultado, o conhecimento, as atitudes, as normas, os valores e as ideologias dos receptores sejam mais ou menos indiretamente afetadas tendo em vista o interesse do grupo dominante (VAN DIJK, 2018, p. 88 - 89)

Uma característica que permite a aproximação do ouvinte/leitor com o conteúdo do discurso e facilita o processo de reforço dos interesses de um grupo em detrimento dos interesses de outro é a percepção sobre quem fala/escreve, ou seja, qual a relevância do produtor do discurso e de que maneira é percebida sua imagem (apresentação). No caso de Azevedo, sendo detentor de acesso a grandes portais midiáticos brasileiros, representantes, em sua maioria, de ideologias conservadoras, voltadas à manutenção de uma visão econômica defendida pelos principais partidos de direita do país, o seu espaço e a sua apresentação positiva podem ser considerados como consolidados para boa parte do seu público.

Além disso, Azevedo dedicou-se por anos a apontar possíveis falhas e atos de corrupção advindos de partidos de esquerda, com o argumento de considerar esses partidos incapazes de resolver os problemas mais complexos do país. Do mesmo modo, a sua imagem também ficou consolidada para os grupos com os quais dialoga como positiva e voltada aos interesses da população.

O Partido dos Trabalhadores (PT), que manteve relativa hegemonia no poder público brasileiro por mais de uma década, sempre foi alvo de Azevedo e de suas observações precisas e relevantes aos acontecimentos de maior destaque na mídia. De tal forma, havia em Azevedo a representação de um jornalista instruído, dedicado a desvelar a corrupção e a fazer parte de um processo de reconstrução do país que viria com a queda do então governo vigente e com a instauração de uma nova forma de fazer política. Tendo publicado o discurso alguns dias antes da sentença do processo de *impeachment*, Azevedo revela elementos que enfatizam uma possível “comunhão” e “concordância” quanto aos eventos ocorridos e quanto a necessidade do *impeachment*.

Por esses motivos, a análise do seu discurso deve considerar a investigação do uso de seus privilégios em questões de acesso e de alcance popular, buscando traços de manipulação e de abuso de poder. Por serem recursos capazes de controlar os modelos de contexto e, portanto, a forma como o leitor interpreta determinada situação, a manipulação e o abuso de poder podem ser a porta de entrada para o

entendimento da ideologia e das intenções contidas no discurso. De acordo com van Dijk (2018):

Uma análise mais profunda de dominação, definida como abuso de poder, requer o acesso especial aos (ou o controle sobre) recursos sociais escassos. Um desses recursos é o acesso preferencial aos meios de comunicação de massa e ao discurso público um recurso compartilhado pelos membros das elites “simbólicas”. (VAN DIJK, 2018, p. 237)

No processo de análise, algumas marcas de manipulação podem ser encontradas em seu discurso, uma delas sendo a utilização da autoapresentação positiva e outro-apresentação negativa, a primeira para reforçar o seu valor e a sua relevância no processo político-discursivo, a última para prejudicar a imagem dos que estão em outro espectro político. Com isso, as “escolhas lexicais” e o ato de “(des)enfatizar pontos negativos ou positivos sobre Nós/Eles”, por exemplo, como definido por van Dijk (2018), são elementos presentes em seu discurso e podem indicar manipulação de interesses:

A estratégia global de autoapresentação positiva e outra-apresentação negativa é bastante típica nesse relato tendencioso dos fatos em favor dos interesses próprios dos falantes e dos escritores, ao tempo culpando os oponentes e os Outros [...] por situações e eventos negativos. (VAN DIJK, 2018, p. 252)

Parte da autoapresentação positiva pode ser percebida pela escolha do texto do jornal estadunidense e da relevância a ele atribuída. Ao citar o objetivo do discurso do *Washington Post* (dar ao estrangeiro uma visão atual do Brasil) sem aferir a ele qualquer posição de valor, Azevedo concorda com o seu conteúdo e com a escolha das “seis palavras cujo significado um estrangeiro precisa saber para entender o Brasil de hoje”.

O autor reforça sua posição de autoridade ao destacar a relevância temporal do termo criado por ele, “a já imortal criação deste escriba”, e supõe convenção sobre sua relevância: “trata-se de uma escolha e tanto”. Entre termos não necessariamente relacionados à política brasileira, Azevedo vangloria-se de sua criação estar entre as palavras “crise”, “gourmetização”, “coxinha”, “jeitinho” e “zoeira”, todas de certa forma relacionadas a um lado estereotipado dos costumes brasileiros: da forma de achar meios escusos de alcançar objetivos (“jeitinho”), da desvalorização da culinária local

(“gourmetização”), dos problemas econômicos (“crise”) e da falta de seriedade sobre temas muitas vezes complexos (“zoeira”).

No recorte “Compreendo, em parte, a fúria dos petistas comigo em razão do que escrevo e, sobretudo, daquilo que eles acham que escrevo. Mas bravos mesmo eles ficam porque o termo pegou, ficou colado neles. Todo mundo, hoje em dia, sabe o que é um petralha.”, Azevedo deixa clara a relevância que atribui ao cruzamento vocabular no processo histórico do debate político brasileiro. Ele define a insatisfação dos apoiadores do PT em relação ao seu discurso, embora não entenda completamente o motivo das críticas, e afirma ser o seu principal fator a suposta relevância dada ao seu discurso por parte dos leitores.

Ademais, ainda que precisando explicar tanto a sua visão quanto a do *Washington Post* sobre o termo, afirma que todos sabem “o que é um petralha”, considerando-se responsável pela influência social gerada a partir dele.

Contudo, a forma como o PT é visto pela população e os conceitos que definem a esquerda e a direita do país são tidos como dados, não havendo maior detalhamento sobre “o que ele escreve”, “o que acham que ele escreve” ou sobre as ideologias presentes nessa disputa. A relevância de seu discurso parece vir do fato de que, concordando ou não, as pessoas estão cientes do termo, de seus discursos e de sua relevância, mas não há qualquer menção à forma de pensar da oposição, ou detalhes sobre os seus próprios interesses políticos na criação do termo.

O empreendimento de deixar claro o processo de disputa política então presente no país é praticamente nulo, o que pode ser considerado um recurso de manipulação da interpretação do leitor, bem como de ativação das “crenças socialmente compartilhadas” acerca de seu discurso, como explica van Dijk:

Se os manipuladores estão pretendendo que o receptor compreenda um discurso como *eles* o veem, é crucial que o receptor forme os modelos mentais que os manipuladores desejam, restringindo assim a liberdade de interpretação desse receptor ou, ao menos, reduzindo a probabilidade de que entenda o discurso contra os interesses dos manipuladores. (VAN DIJK. 2018. p. 244)

Na sequência, Azevedo comenta a definição apresentada pelo *Washington Post*, e retifica o significado do cruzamento vocabular, de acordo com suas próprias intenções iniciais durante a criação, alegando “que o falar das ruas” ampliou-lhe o significado. Em contrapartida, não há responsabilização própria pela falta de

informações apresentadas na criação e divulgação do termo, ou seja, o fato de sua criação vocabular ter adquirido carga semântica diversa é uma culpa do outro.

A construção do outro é completamente pejorativa, e as escolhas lexicais como “bandidos” e “ladrões” empregadas tanto no cruzamento vocabular quanto na construção da imagem do PT e de seus apoiadores deixam claros os interesses do autor de marcar negativamente os significados atribuídos ao seu alvo. Azevedo esclarece que o cruzamento vocabular é formado pela sigla PT e pelo termo “‘metralha’ — uma referência aos Irmãos Metralhas, que viviam tentando roubar o Tio Patinhas: são bandidos, são ladrões.” E, ainda, que “Um ‘petralha’, originalmente, é aquele que justifica o roubo de dinheiro público em nome da construção do partido, supostamente interessado no bem coletivo”.

Essa formação de cunho pejorativo do cruzamento vocabular, ou de fuves, composição em que a fusão das duas palavras-fonte ocorre de maneira quase total, mantendo “alguma diferença fonológica que permita o reconhecimento simultâneo de uma palavra base e um elemento qualificador a esta integrado” e a sua utilização no discurso midiático são explicadas por Basilio (2010):

Dada a função expressiva e o efeito inesperado de impacto, não é de se esperar a ocorrência corriqueira de fuves na língua formal; o espaço dessas construções é mais o jornalístico, o propagandístico, o político, o literário e o humorístico. Talvez se possa também dizer que são mais frequentes as formações de cunho pejorativo [...] (BASILIO, 2010, p. 204)

A criação e a utilização de “petralha” por Azevedo atendem ao efeito de impacto apresentado por Basilio (2010). A composição chama a atenção por tratar-se de um neologismo, ao passo que mantém a carga fonética de “metralha” quase completa e simplifica o entendimento da carga semântica, adicionando a essa única palavra conceitos ideológicos e uma síntese da forma como Azevedo percebe as acusações feitas contra o PT.

No entanto, apesar da construção negativa da imagem do outro, Azevedo afirma, ainda pelo uso do humor e de recursos pejorativos, não ter tido a intenção de atribuir ao termo toda a esquerda brasileira ou todos os apoiadores do partido, e explica: “Assim, há beneficiários de programas sociais e, claro!, consumidores de maconha, barbudos e estudantes de sociologia que não são petralhas. Isso é uma criação do *Washington Post*.”

Para van Dijk (2018), existem critérios a serem considerados na definição de manipulação como recurso para o abuso de poder, e esses critérios devem ser avaliados quanto ao que coloca em posição de vítima os receptores desse discurso, e de que forma a vítima carece de “recursos cruciais para resistir, detectar ou evitar a manipulação” (van Dijk, 2018, p. 255). Com base nisso, esta análise serve o propósito de esclarecer como não há contraponto ou equilíbrio na imagem do outro, uma vez que a outro-apresentação negativa está presente de forma marcante.

Em um contexto político de pouco acesso teórico, como é o brasileiro, poucas informações fogem à simples base comum de conhecimento em um discurso midiático como o de Azevedo. Dentre os pontos citados por van Dijk (2018, p. 255) como característicos de uma vítima do discurso manipulador, está “a ausência total ou parcial de conhecimento relevante”.

No discurso de Azevedo, a ausência de um contraponto sobre qualquer manifestação de defesa do PT, bem como a falta de uma definição sobre a esquerda e sobre os aspectos políticos envolvidos em seu discurso impossibilitam o leitor de validar a fidelidade dos fatos, de fazer uma interpretação crítica e de relevância do cruzamento vocabular.

Outro ponto que caracteriza o leitor como vítima é a presença de “emoções fortes, traumas etc., que deixam as pessoas vulneráveis”. O momento de instabilidade econômica e de altas taxas de desemprego que o país vivia afeta diretamente a percepção do leitor, que busca, enquanto vítima, uma solução para os seus problemas e fará pouco juízo de valor quanto aos aspectos teóricos e econômicos envolvidos nessas questões.

Há, ainda, dentre os pontos citados por van Dijk (2018) na caracterização da vítima, a utilização de “posições sociais, profissões, *status* etc., que induzam as pessoas a aceitar os discursos, argumentos etc., das pessoas, grupos ou organizações da elite”. Logo, pode-se perceber, como parte da utilização do último aspecto, a ausência de margem para uma boa interpretação do outro, ou tratam-se de “ladrões”, ou fazem parte de um estereótipo formado ao redor da esquerda e dos movimentos sociais do país. A visão conservadora de Azevedo é clara: os “beneficiários de programas sociais”, os “consumidores de maconha”, os “barbudos e estudantes de sociologia” representam a esquerda brasileira, independentemente de apoiarem ou não o PT, enquanto deixa subentendido o estado de moral e de posição social elevada dos que são contra o partido, pois, por oposição, não seriam

participantes de programas sociais, estariam isentos de vícios e do consumo de drogas ilícitas, teriam uma aparência mais agradável e estariam trabalhando ou estudando temas de maior relevância aos olhos do grupo ao qual fazem parte.

Por fim, Reinaldo apresenta uma definição dicionarizada no “Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa”, a qual reforça os termos pejorativos contra o partido e seus apoiadores, descrevendo petralha com palavras até mais duras do que as do próprio criador.

Dessa forma, o termo criado e amplamente utilizado por Reinaldo Azevedo exemplifica a forma como o acúmulo de carga semântica, a influência na cognição social e individual, a delimitação de ideologias e a construção da autoapresentação positiva e outro-apresentação negativa estão presentes no uso do cruzamento vocabular como ferramenta de manipulação e de abuso de poder.

É possível, ainda, usar como exemplo os pontos de definição dos elementos manipuladores, como exemplificado por van Dijk (2018, p.259), e destacar os seguintes aspectos presentes no discurso de Azevedo: a polarização ideológica (Nós/contrários ao Partido dos Trabalhadores *versus* Eles/apoiadores do partido e a esquerda); a autoapresentação positiva (a relevância de seu discurso e da criação do cruzamento vocabular, o qual é reconhecido por todos); a ênfase em seu poder (apesar das opiniões da oposição, seu discurso foi utilizado por um jornal de renome para representar o Brasil aos estrangeiros); e a outro-apresentação negativa (os termos pejorativos e a falta de detalhes e informações sobre a oposição, sobre seus argumentos e defesas; a esquerda ou apoia o Partido dos Trabalhadores, qualificados como ladrões, ou encaixa-se em estereótipos pejorativos);

Em síntese, o discurso de Reinaldo Azevedo é ideológico e, bem como a criação do cruzamento vocabular, atribui a um grupo conceitos negativos, enquanto esconde-se na isenção ideológica, não especifica sua própria posição e não detalha os dois lados da disputa política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso midiático relacionado à política é imerso em ideologia, e tanto a ideologia quanto as tentativas de perpetuá-la ou alterá-la manifestam-se por meio do discurso. Contudo, existe na grande mídia brasileira uma constante tentativa de manter uma autoapresentação imparcial, mais nitidamente quanto aos temas relacionados à política.

Essa tentativa de imparcialidade comumente é realizada por meio de recursos discursivos como a outro-apresentação negativa, a falta de informações sobre os grupos opositores, a pressuposição de superioridade quanto às fontes utilizadas e a autoapresentação positiva no fato de empregar seus esforços em combater o que há de “ruim” dentro dos debates e da polarização política.

Aliado a isso está a utilização do léxico, e em evidência nas análises deste trabalho o uso dos cruzamentos vocabulares com funções específicas de manipulação no discurso. No entanto, a definição dos significados dos cruzamentos vocabulares, ou o debate linguístico sobre o emprego dos cruzamentos vocabulares, não existem como parte dos esforços dos produtores desses discursos. Da mesma forma como os cruzamentos vocabulares parecem surgir de maneira espontânea, eles são utilizados nos discursos midiáticos, sem que haja, muitas vezes, um enfoque crítico sobre o seu uso.

O que as análises críticas nos mostram é a função desempenhada pelos cruzamentos vocabulares nos discursos como ferramentas de manipulação e de abuso de poder. Embora geralmente apresentem uma composição pejorativa e possuam um caráter de humor, o que facilita a percepção positiva por parte do leitor/ouvinte, os cruzamentos vocabulares, quando inseridos no discurso, dependem de um alto nível de inferência para compreensão, e parte da manipulação acontece no processo de omitir características ideológicas. Logo, os objetivos são de controle e de persuasão quando os autores escolhem ignorar o poder dos cruzamentos vocabulares quanto à acumulação de carga semântica e quanto as possíveis interferências desses cruzamentos vocabulares no uso informal e popular.

Além disso, a criatividade possível na criação dos cruzamentos vocabulares permite a composição de palavras formadas por substantivos seguidos de adjetivos pejorativos, facilitando o processo de autoapresentação positiva e outro-apresentação negativa. A forma como os cruzamentos vocabulares exercem um papel de ofensa ao

outro no discurso possibilita a percepção de intenção do seu uso como humorística e, em uma comunidade em que o humor é aceito e incentivado no discurso, a sua aceitação e replicação passa a ser espontânea, principalmente em redes sociais.

Uma vez que os cruzamentos vocabulares representam neologismos, sintetizam conceitos complexos, descrevem alianças políticas, unem períodos históricos e apresentam funções facilitadoras ao entendimento e ao acesso emocional do leitor/ouvinte, torna-se didático o processo de absorção do discurso que os emprega como recurso capaz de interferir na formação cognitiva individual e social de seu público. A ativação dos aspectos emocionais facilita o registro do discurso na memória de longo prazo e abre espaço para a validação do discurso polarizado, capaz de influenciar opiniões e atitudes mais emocionais quanto aos temas tratados.

Com isso, o cruzamento vocabular passa a fazer parte do discurso que objetiva a manipulação e o abuso de poder. Quando utilizado pela grande mídia e pela elite simbólica, é evidente o seu papel como ferramenta discursiva para favorecer e reforçar os interesses de um grupo em detrimento de outro, reforçando a hegemonia e a manutenção de discursos da elite contra os grupos de menor poder social, que tantas vezes não possuem acesso a promover, em mesma escala, discursos opostos sobre uma política de direita e defendida pelos maiores portais jornalísticos do país.

REFERÊNCIAS

BASILIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

BASILIO, Margarida. **Cruzamentos vocabulares como construções morfológicas**. Anais do IV congresso internacional da ABRALIN. -- Brasília: [s.n.], 2005. p. 387-390.

BASILIO, Margarida. **Fusão vocabular expressiva**: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, APL, 2010, p. 201-210.

CARDOSO, E. de Almeida; IGNEZ, A. F. **Escolhas lexicais**: estilo e expressividade. In: MICHELETTI, G. (Org.). Estudos de discurso e estilo. São Paulo. Terracota, 2012, p.17-38.

GONÇALVES, Carlos Alexandre & ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. **Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares em português**. Rio de Janeiro: URFJ, 2006.

GONÇALVES SEGUNDO, Paulo Roberto. **Um roteiro para conhecer os estudos críticos do discurso**. In: Guia bibliográfico da FFLCH[S.l: s.n.], 2016.

MELO, I. F. (Org.). **Introdução aos estudos críticos do discurso**: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes, 2012.

MICHELETTI, G. (Org.). **Estudos de discurso e estilo**. São Paulo. Terracota, 2012, p.17-38.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia Geral**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2018.

WODAK, Ruth. **Do que trata a ACD** – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Linguagem em (Dis)curso, [S.l.], v. 4, p. p. 223-243, set. 2010. ISSN 1982-4017. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/297>. Acesso em: 27 fev. 2021.